



IAD
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Projeto Pedagógico de Curso
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Abril/2023

Sumário

1. INTRODUÇÃO	3
2. PERFIL DO CURSO	3
2.1. Coordenação da Licenciatura em Artes Visuais	6
2.2. Perfil do egresso	6
2.3. Metodologias de Ensino/Princípios Didático-Educativos	7
3. ESTRUTURA CURRICULAR	10
3.1. Núcleo de Formação Geral (FG)	14
3.2. Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos das áreas de atuação profissional da formação específica (NA)	16
3.3. Núcleo Profissionalizante (NP)	17
3.4 IV – Núcleo Eixos Transversais: Flexibilização Curricular, Prática Como Componente Curricular e Educação e Cultura em Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão (NET)	18
4. PADRÃO DE OFERTA DE DISCIPLINAS	18
4.1 Integralização Curricular	21
5. TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE (TFD)	21
6. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	23
6.1. Estágio não-obrigatório	25
7. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	25
8. EXTENSÃO	26
9. FORMA DE ACESSO AO CURSO	27
10. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO	28
10.1 Avaliação do Curso	28
10.2. Avaliação de docentes, funcionários e técnicos-administrativos	29
10.3. Sistema de Avaliação de Ensino e Aprendizagem	29
10.4. Núcleo Docente Estruturante (NDE)	30
11. DISPOSIÇÕES FINAIS	30
11.1. LIBRAS:	30
11.2 Informações sobre o curso	31
11.3 Adaptação ao novo currículo	31
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
13. ANEXO: CADERNO DE EMENTAS	34

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Político Pedagógico aqui apresentado constitui-se em uma consolidação da estrutura de curso vigente, criada para formação de licenciados em Artes Visuais no Instituto de Artes Visuais da Universidade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF). Este projeto é também uma reformulação de componentes curriculares vigentes, dada a constante necessidade de atualização diante dos cenários artísticos e educacionais da atualidade. Considerou-se como referencial na construção dessa proposta as normativas determinadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Artes Visuais (Resolução CNE/CES nº 1/2009), pelo Projeto Pedagógico Institucional - PPI das Licenciaturas da UFJF (Resolução Nº111/2018), e a Resolução 75/2022, que estabelece as normas para a inserção da Extensão na Universidade Federal de Juiz de Fora.

2. PERFIL DO CURSO

Seguindo as orientações e determinações decorrentes do Plano Nacional de Educação (2014-2024), das Diretrizes Curriculares para Formação Inicial e Continuada de Professores/as¹, e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), buscou-se construir um modelo de formação para a Licenciatura em Artes Visuais capaz de permitir aos discentes alcançar uma formação inicial sólida dentro dos campos da educação e da arte, como também desenvolver autonomia para seguir caminhos diversos a partir dessa formação e ao longo de seu percurso dentro e fora da universidade.

O último modelo de formação de licenciados em Artes Visuais da UFJF, na perspectiva do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design (2009-2019), trouxe como experiência a percepção da necessidade de se enfatizar os estudos da arte contemporânea e suas tecnologias na arte-educação, aliados ao conceito de transdisciplinaridade. Muitos dos códigos e linguagens presentes nas novas mídias são os elementos com os quais estudantes da educação básica mais se identificam, o que torna urgente a atualização dos currículos e modelos de ensino e formação de professores. Contudo, é sabido que o lidar com o universo da arte contemporânea no ensino básico possui muitas restrições, sendo uma das principais delas a natureza formativa dos próprios professores, por vezes pouco preparados ou mesmo sem formação alguma na área de novas tecnologias educacionais e da arte.

¹Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192

Há que se considerar que a arte contemporânea possui uma diversidade de caminhos que envolvem extensa gama de linguagens, mídias, procedimentos, poéticas e leituras relacionadas ao fazer artístico e à experiência estética. Ela também nos permite acessar expressões e linguagens artísticas do passado, ligadas a diferentes tradições na arte e na cultura em geral. Esses percursos só são possíveis de serem amplamente construídos quando existem meios favoráveis, pautados no acesso e contato a diferentes expressões em arte, não somente àquelas ligadas à chamada arte universal e a estratos sociais dominantes.

O papel do futuro educador enquanto mediador será amplamente investigado ao longo do percurso formativo na Licenciatura, compreendendo-se a mediação, na fala da artista e educadora Mirian Martins Celeste, como um “estar entre”, que não é passivo ou fixo, mas propositor, ativo e flexivo. Propomos pensar a arte na sua pluralidade, o que envolve, inclusive, pensar a arte-educação numa perspectiva do patrimônio cultural e da cultura visual.

É notório que a arte-educação no Brasil e em diversos países reproduziu discursos hegemônicos que foram amplamente difundidos no campo da história da arte e crítica e na cultura de modo geral. O impacto desse modelo restrito (comum ainda hoje), impossibilita ao estudante em formação de acessar plenamente sua potência crítica e criativa, já que interfere e limita sua visão de mundo. Desse modo, a discussão das temáticas relacionadas à diversidade foram uma preocupação na construção das grades curriculares indicadas neste PPC.

Reforçamos nesse novo modelo de formação, o conceito de arte como conhecimento, e, como tal, deve ser acessado e produzido a partir de diferentes linguagens, perspectivas e contextos históricos/culturais. Considera-se o fato de que o ensino escolar frequentemente destaca e hipervaloriza a linguagem verbal, em detrimento da linguagem visual ou musical (ou as demais linguagens ligadas ao ensino da arte). Pretende-se contribuir na formação dos futuros docentes através da investigação apurada desses processos e da criação e proposição de caminhos possíveis para sua atuação na escola. Assim, esperamos ampliar o repertório cultural dos graduandos e oferecer pontes para a educação estética, sempre em diálogo com a arte contemporânea, a cultura visual, e a pluriculturalidade. Igualmente, imaginamos para esta formação um perfil de licenciado mais flexível e contemporâneo, o do artista/professor/pesquisador.

A Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa, é também basilar neste projeto, já que a perspectiva dessa autora, que valoriza a interpretação, considera a arte não só como expressão, mas também como cognição, sendo assim parte inseparável da cultura. Como poderia um jovem estudante em formação poetizar e fruir arte, quando lhes são impostos modelos que muitas vezes pouco ou nada se relacionam às suas experiências culturais e ao seu meio? Ao investigarmos diferentes modelos de mediação em arte, leitura de obra, poéticas e processos, ampliamos

nossos modos de ver arte, recriamos e ressignificamos diversos elementos ligados a ela.

Com isso, a educação numa perspectiva pluricultural, ou ainda transcultural, constitui-se num eixo importante, pois potencializa o poetizar e fruir a arte. Considera-se aqui as limitações do conceito de arte ocidental e o discurso hegemônico da chamada arte universal. Como afirma o pesquisador Hans Belting, em seu livro *O fim da história da arte (2012)*, há a necessidade de um revisionismo histórico que destaque produções além das artes europeias e norte-americanas, tais como as chinesas, as diversas culturas negras, as árabes, persas, indianas, ou ainda, recortes de gênero que tragam à tona produções femininas, sistematicamente excluídas, até a atualidade, no contexto das artes consideradas eruditas. Trata-se de criar mecanismos que permitam a ampliação de olhar dos licenciandos, considerando diferentes valores culturais e sem ignorar as referências dos discentes com os quais eles atuarão. Desse modo, poderemos construir processos educativos que se constituam em aprendizagem significativa, teoria cunhada por David Paul Ausubel, o qual dizia que "O fato mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece".

O que melhor define e que, talvez, singularize o Projeto Político, Pedagógico e Artístico do Instituto de Artes e Design da UFJF é o fato do amplo repertório da cultura criativa contemporânea constituir a coluna vertebral dos *currícula* de todos os cursos que o IAD oferece, estrutura a partir da qual são instituídas as redes de relações entre as diversas linguagens e alimentados os focos irradiadores de seus estudos multidisciplinares.

Isto significa que a pesquisa de base *poiética*, intersemiótica e intermediática - profundamente dependente da *práxis* reflexivo-criativa - constitui o eixo fundamental a partir do qual estão sendo desenhadas as linhas de organização das atividades de ensino, pesquisa e extensão do Instituto.

O IAD coloca a criação no centro de seu projeto pedagógico, quer se aplique à aprendizagem de saberes, ao desenvolvimento de competências, à aquisição de habilidades ou à potencialização da formação artística. O Instituto propõe-se, então, como um lugar de reflexão e de intercâmbio que trabalha para o desenvolvimento de competências criativas.

Um grande tema no mundo, hoje, é o conceito de criatividade e como esta pode ser estimulada. Entendemos que a criatividade pode ser estimulada no processo de formação do estudante, se focada por um projeto articulado, crítico, tecido entre os pilares da arte, da sociedade e da cultura. Este projeto é orientado pelo propósito de preparar os alunos para um conhecimento e uma reflexão de natureza empírica sobre as Artes e sua criação, sendo esses campos entendidos nos eixos que os desdobram enquanto áreas de conhecimento de fronteiras fluidas, que por sua vez se alimentam de distintas culturas e produtos.

Um ensino organizado em metodologia problematizadora, inovadora, transformadora, integrada, crítica e com vínculos com os movimentos da sociedade tem sido a orientação para a formulação dos projetos pedagógicos dos distintos cursos do IAD, que pretende promover um conjunto de valores comuns: a capacidade de iniciativa e de invenção, a autonomia, a competência, o conhecimento, o espírito crítico, a autenticidade pessoal e a consciência social; valores estes entendidos como fundamentais ao profissional que pretende responder às demandas da sociedade nas distintas áreas.

É precisamente nesse contexto que o presente documento estabelece as diretrizes do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora.

2.1. Coordenação da Licenciatura em Artes Visuais

A coordenação será exercida em carga horária de 20 horas semanais por docente doutor com regime de dedicação exclusiva. A eleição será realizada pelo departamento e por consulta aos alunos matriculados no curso. Os mandatos de coordenação serão de 3 anos, podendo haver reeleição do mandato.

2.2. Perfil do egresso

As competências que definem o perfil do egresso da Licenciatura em Artes Visuais dependem do projeto de formação do aluno, cujo caráter pessoal indicará o campo ou campos de pesquisa técnica e teórica sobre os quais se deteve; os aspectos da cultura geral que foram priorizados; as relações entre prática e teoria que conseguiu articular e as atividades complementares (estágios, treinamento profissional, iniciação artística, monitorias etc) que se empenhou em experimentar.

O perfil do egresso da Licenciatura em Artes Visuais tende a ser aquele que o situa como artista/professor/pesquisador, tendo livre trânsito para atuar na educação formal (formação convencional) ou não-formal (museus, centros culturais, ONGs etc), como artista visual, em organizações não governamentais, objetivando a pesquisa, crítica e desenvolvimento poético/estético.

Espera-se também que o egresso deva atuar como agente efetivo da pluralidade cultural, refletindo e promovendo reflexões sobre questões inclusivas étnicas, de gênero, e/ou voltadas para portadores de necessidades especiais, articulando os fazeres artístico, científico e pedagógico, percebendo-se como mediador na construção do conhecimento, consciente de sua condição social como professor, tendo como meta o domínio estético, crítico e pedagógico no campo das Artes Visuais.

Deve ainda prever a atuação na coordenação e assessoria em estabelecimentos de ensino e/ou difusão cultural públicos ou privados, de

planejamento pedagógico-didático no ensino da arte, em disciplinas que tenham como transversalidade temas afeitos à arte, ou mesmo em disciplinas ou projetos educacionais que, não sendo especificamente referenciados pela arte, necessitem, em sua criação no estabelecimento, de um profissional que, por suas capacidades operativas a partir de sua formação científica e pedagógica quanto ao objeto arte, possa contribuir para o planejamento de disciplinas e projetos específicos de uma área, ou para oferecer conhecimentos específicos aos participantes.

Sua formação acadêmica teórica e analítica deve estar voltada para o desdobramento do fenômeno artístico em suas diversas discussões teóricas e questões contemporâneas, e o aprofundamento de conceitos relacionados à formação de valores como a ética, a solidariedade e a educação para a transformação social, tornando possível o ingresso em programas de Pós-Graduação em diversas áreas.

Deste modo, as competências relevantes a serem desenvolvidas neste curso são a capacidade de:

- Compreender os processos de produção artísticas como um conjunto de métodos que podem ser aplicados a outros campos do saber;
- Desenvolver, em seus futuros alunos, a capacidade de utilizarem esse conjunto de métodos não apenas para a produção de objetos e processos estéticos, mas também para solução de problemas e criação de processos e objetos em outros campos do saber;
- Desenvolver, em seus futuros alunos, a capacidade de perceber, compreender e interpretar diferentes representações visuais reconhecendo os contextos culturais em que tais representações foram produzidas.
- Desenvolver nos/as licenciandos/as, bem como a capacidade destes/as licenciandos/as de desenvolverem, em seus futuros alunos, a autonomia, entendendo este termo segundo a sexta Competência Geral da Educação Básica, conforme disposto na Base Nacional Comum Curricular:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.²

2.3. Metodologias de Ensino/Princípios Didático-Educativos

Tomando como base as competências pretendidas, pensamos a arte e o fazer artístico como denominador comum entre conteúdos

² BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

interdisciplinares, multidisciplinares e/ou transdisciplinares, ou seja: arte como método dentro de diferentes disciplinas, arte como meta comum de múltiplas disciplinas e arte como tema atravessando diferentes disciplinas.

Deste modo, pensamos como princípio norteador das diferentes metodologias a noção de atitude globalizadora como forma de sabedoria, situando esta globalização em torno de três eixos básicos:³

- a articulação entre conhecimentos para construção de uma compreensão do e atuação no mundo, em lugar da aquisição de conhecimentos isolados e fragmentados;
- a possibilidade de intercâmbio epistemológico, permitindo a pluralidade de construção e articulação de conhecimentos por diferentes vias de "fazer";
- a abordagem complexa e multifocal de temas.

Para que isso seja possível, é fundamental estabelecer uma relação professor-aluno pautada pela dialética da troca de conhecimentos teóricos e práticos sobre os temas do curso. Assim, o professor não é um mero reproduzidor de saberes, mas um coordenador que procura, em sala de aula, articular os saberes e experiências plurais dos alunos, tecendo os mesmos nas questões teóricas do curso e visibilizando-os em cruzamentos e aplicações às abordagens temáticas dos conteúdos programáticos. A relação professor-aluno, portanto, visa a uma contribuição dialógica entre ambos, em que a construção do saber esteja alicerçada não somente em conteúdos transmitidos pelo professor, mas na valorização do aluno como agente produtor do saber.

Assim, não somente é valorizada a aula expositivo-teórica, mas também a constituição de seminários e oficinas, que assim se tornam um fator privilegiado de construção de aprendizado. Neste seminários e oficinas, o aluno, individualmente ou em grupo, apresenta os resultados de leituras previamente indicadas pelo docente, articulando essas leituras em projetos de pesquisa, de concepção de objetos didáticos e estéticos e de prática docente, os quais serão expostos à crítica e ao debate por seus pares, em uma ação pedagógica dinâmica, interventiva e socializante, em que o conhecimento se construirá pelo coletivo, mediado pelo docente enquanto interlocutor privilegiado desta produção.

O trabalho em grupo entre os discentes, tanto para a produção de seminários quanto nas oficinas, também é forma de socialização em que as diferenças de interpretação são colocadas em diálogo, visando a interação na produção do conhecimento que requer dos alunos, em suas visões e interpretações diferentes de um determinado tema, a colocação com clareza da explicação e articulação das ideias, o ceder, ouvir o outro, repensar ideias, buscar sínteses, enfim, uma socialização que se faz através da busca em comum de objetivos e de clarificação de ideias, articulados

³ HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998; NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores**. São Paulo: Editora Érica Ltda, 2011, 4ª. Ed.

através do diálogo e das relações de alteridade, dado que a construção do conhecimento passa sempre pelo diferente e pelo diálogo com ele.

Além dos conteúdos disponibilizados em textos seletos das disciplinas, tal produção de conhecimento também será mediada através de recursos tecnológicos e multimidiáticos, como documentários e filmes, utilização da Internet e seus diferentes recursos e linguagens, recursos poéticos diversos, como a visita a exposições e eventos de natureza artística, visitas a ateliês de artistas e a escritórios de Design. Isso acontecerá sempre no sentido de congregar tais recursos na prática docente, não só em escolas, mas também em outros espaços de aprendizagem, como museus e centros culturais.

O curso contará, essencialmente, com exposições teóricas de conteúdo sobre os temas dos ementários, por meio dos recursos acima listados, com trabalhos práticos nos ateliês do Instituto de Artes e Design, com pesquisas e proposição de trabalhos em outros espaços da UFJF, promovendo a integração entre os diversos campos do saber universitário, e em outras instituições.

Os conceitos referidos acima visam zelar, a um tempo, pela conjugação entre individualidade e integração, interpretando o educando como ser que, em sua individualidade, personalidade e história, possui potenciais e originalidades que são autônomas, mas que se realizam e aperfeiçoam na integração de saberes com outras individualidades e potenciais advindos delas. Assim, a mutualidade, a pluralidade e a complexidade na construção e difusão do saber são os princípios que regem o planejamento didático deste Projeto.

Esperamos, deste modo, atender às demandas e expectativas do PARECER CNE/CES No: 280/2007, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura, publicado no Diário Oficial da União de 24/07/2008. As diretrizes que nos norteiam são:

- I - O ensino visando a aprendizagem do aluno.
- II - O acolhimento e o trato da diversidade.
- III - O exercício de atividades de enriquecimento cultural.
- IV - O aprimoramento em práticas investigativas.
- V - A elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares.
- VI - O uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores.
- VII - O desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

3. ESTRUTURA CURRICULAR

A vida universitária deve ser de interação com os múltiplos saberes do ambiente da UFJF. A adaptação dos estudantes à vida universitária será promovida por um programa de tutoria ligado à coordenação acadêmica da Licenciatura em Artes, com a finalidade de acompanhar os graduandos, ouvindo suas demandas e facilitando sua integração com a nova dinâmica de mobilidade e as atividades dos cursos.

As atividades que compõem o percurso formativo da Licenciatura em Artes Visuais não devem se restringir às atividades em sala de aula, mas devem ser espaços de promoção de eventos ligados à cultura artística, humanística e científica, sobretudo trocando com as outras Instituições de formação superior do país, com vistas a promover a diversidade e o aprofundamento na formação dos estudantes.

Os currículos devem conter espaços de experimentação, com ênfase nas disciplinas de práticas, que permitam aos estudantes, por exemplo, aproveitar atividades complementares de formação como créditos de carga horária.

No que se refere à aplicabilidade prática desta perspectiva, a estrutura curricular foi articulada de modo a tecer uma rede que relaciona matérias, disciplinas e atividades propostas, a partir de distintos territórios cognitivos, apoiados por um programa de estudos - comum a todos - que colocam lado a lado as especificidades e interfaces das culturas artística, humanística e científica.

Ao eleger disciplinas redesenhadas a partir de problemas contemporâneos, organizadas sob grandes unidades temáticas, os alunos aprimoram seus conhecimentos, ampliando seu arquivo cultural, desenvolvendo suas habilidades, redefinindo vocações e diversificando competências.

O núcleo de disciplinas eletivas de formação, em especial, não será circunscrito a um conjunto de habilidades exclusivas, e isso tem consequências pedagógicas consideráveis, na medida em que a ênfase na formação de um especialista não é a perspectiva dominante do curso, mas, antes, a integração do especialista a um conjunto de práticas e saberes compartilhados, necessários ao desenvolvimento de sua excelência. Essa forma pedagógica torna-se ainda mais consistente quando associada à inovadora decisão de estabelecer a formação interdisciplinar desde o início dos cursos.

Os componentes curriculares da Licenciatura em Artes Visuais estão organizados em quatro (04) grupos, conforme o papel que desempenham na formação, estando em consonância com a resolução nº 97/2022, do Conselho Geral de Graduação da UFJF, que trata do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) das Licenciaturas, no qual determinou-se que:

Os currículos das Licenciaturas na UFJF organizam-se a partir de três núcleos formativos e eixos integradores, quais sejam: I- Núcleo de Formação Geral, II - Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos das Áreas de Atuação Profissional, III - Núcleo Profissionalizante; IV –

Núcleo de Eixos transversais: Flexibilização Curricular, Prática Como Componente Curricular e Educação e Cultura em Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão. Este PPI admite como carga horária aos núcleos: mínimo de 720 horas ao Núcleo I, mínimo de 1020 horas ao Núcleo II e mínimo de 400 horas (obrigatórias equivalentes aos estágios curriculares) ao Núcleo III. O Núcleo IV atravessa todo o currículo e assume 400 horas de prática como componente curricular e 200 horas de flexibilização, sendo estas obrigatórias aos cursos de licenciatura. Cada PPC deve observar o somatório dos 4 núcleos, considerando o cumprimento de, no mínimo, 3.200 horas (três mil e duzentas horas) de acordo com o Artigo 13 da resolução CNE/CP 02/2015, § 1^o.

As disciplinas eletivas cursadas devem totalizar o mínimo de 540h (incluindo as horas práticas das mesmas) e podem ser integralizadas em quaisquer uma das disciplinas eletivas do Núcleo II-C, tanto no IAD quanto na FACED, conforme listagem apresentada na tabela a seguir. Ainda que organizadas no contexto de quatro categorias funcionais (descritas acima), as disciplinas de formação da Licenciatura em Artes Visuais devem também atender às necessidades de formação que envolvem Arte e cultura geral, Linguagens, Arte-educação e suas poéticas, Formação pedagógica específica (FACED) e disciplinas específicas voltadas para imersão e Prática docente. Há também um oferecimento de algumas disciplinas na área de música (optativas) no IAD, cuja disponibilidade deve ser consultada junto à coordenação de curso conforme interesse. As optativas podem ser cursadas em qualquer departamento da UFJF, desde que existam vagas, tendo suas horas computadas como atividades complementares.

TOTAL DO CURSO: 3260H
I – NÚCLEO DE FORMAÇÃO GERAL: 720h
A - Arte e cultura geral (obrigatórias): 420h - IAD
(ART376) - Artes e História I: 60h
(ART377) - Artes e História II: 60h
(ART378) - Artes e História III: 60h
(ART392) - Linguagem Visual: 60h
(ART084) - Desenho Geométrico Aplicado às Artes: 60h
(ART394) - Imagem Digital 2D: 60h
(ART393) - Seminários de Temas Transversais: 60h
B – Formação básica Linguagens da arte (obrigatórias): 300h - IAD
(ART049) - Cerâmica I: 60h
(ART024) - Pintura I: 60h
(ART021) - Gravura I: 60h
(ART006) - Desenho Artístico I: 60h
(ART395) - Escultura I: 60h

⁴ UFJF. Projeto Pedagógico Institucional das Licenciaturas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, UFJF, 2022. Acesso em: <https://www2.ufjf.br/congrad/wp-content/uploads/sites/30/2022/09/Resolu%C3%A7%C3%A3o-97.2022.pdf>

**II - NÚCLEO DE APROFUNDAMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DE ESTUDOS
DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA FORMAÇÃO
ESPECÍFICA: 1170h**

A - Arte-educação e suas poéticas (obrigatórias): 150h - IAD

(ART460) - Mediação em Artes: 60h (possui a disciplina prática ART461 - Aplicação Orientada de Mediação em Artes)

(ART462) - Oficina de Leitura e Produção de Imagens para Educação: 30h (possui a disciplina prática ART463 - Prática Orientada de Leitura e Produção de Imagens para Educação)

(ART464) - Arte-Educação e Novas Tecnologias: 30h (possui a disciplina prática ART465 - Aplicação Orientada de Arte-Educação e Novas Tecnologias)

(ART467) - Poéticas Visuais na Arte-Educação: 30h (possui a disciplina prática ART466 - Aplicação Orientada de Poéticas Visuais na Arte-Educação)

B- Formação pedagógica específica para a Licenciatura em Artes Visuais (obrigatórias): 480h - FACED e FALE

(EDU378) - Saberes Artísticos Escolares com Prática de Saberes Artísticos Escolares: 60h teóricas (do total de 90h da disciplina)

(EDU034) - Estado, Sociedade e Educação: 60h

(EDU139) - Metodologia do Ensino de Artes: 60h

(EDU366) - Políticas Públicas e Gestão da Educação com Prática Educativa: 60h teóricas (do total de 90h da disciplina)

(EDU376) – Ensino de Artes Visuais na Escola Básica I com Prática em Ensino de Artes Visuais I: 30h teóricas (do total de 90h da disciplina)

(PEO039) - Processo Ensino Aprendizagem: 60h

(EDU377) – Ensino de Artes Visuais na Escola Básica II com Prática em Ensino de Artes Visuais II: 30h teóricas (do total de 90h da disciplina)

(LEM184) - Libras e Educação para Surdos: 60h (Faculdade de Letras)

(EDU054) - Questões Filosóficas Aplicadas à Educação: 60h

C - Eletivas*: 540h

*Podem serem cursadas no próprio IAD ou na FACED, conforme listagem abaixo.

Eletivas Licenciatura em Artes Visuais - IAD

(ART487) - Oficina de Jogos Analógicos: 30h

(ART486) - Aplicação Orientada de Oficinas de Jogos Analógicos: 60h

(ART490) - Oficina de Jogos Analógicos Fase Beta: 30h

(ART480) - Aplicação Orientada de Oficina de Jogos Analógicos Fase Beta: 60h

(ART484) - Oficina de Material Didático: 30h

(ART481) - Aplicação Orientada de Oficina de Material Didático: 60h

(ART485) - Oficina de Material Didático Fase Beta: 30h

(ART473) - Laboratório de Arte: Linguagens Artísticas e Metodologias de Ensino: 30h

(ART475) - Aplicação Orientada de Laboratório de Arte: Linguagens Artísticas e Metodologias de Ensino: 60h

(ART482) - Lúdico na Arte-Educação: 30h

(ART483) - Aplicação orientada de Lúdico na Arte-Educação: 60h

(ART489) - Narrativas Visuais e Concept Art: 30h
(ART488) - Aplicação Orientada de Narrativas Visuais e Concept Art: 60h
(ART474) - Ensino de História da Arte e Crítica: 30h
(ART472) - Aplicação Orientada de Ensino de História da Arte e Crítica: 60h
(ART476) - Museologia: 30h
(ART477) - Aplicação Orientada de Museologia: 60h
(ART478) - Editoração para Artes: 30h
(ART479) - Aplicação Orientada de Editoração para Artes: 60h
(ART610) - Introdução à Educação Somática e Dança: 30h
(ART611) - Aplicação Orientada de Introdução à Educação Somática e Dança: 60h
(ART612) - Aprofundamento em Educação Somática e Dança: 30h
(ART613) - Aplicação Orientada de Aprofundamento em Educação Somática e Dança: 60h
(ART614) - Análise e Crítica de Dança: 60h
Eletivas Bacharelado em Artes Visuais - IAD
(ART050) - Cerâmica II: 60h
(ART025) - Pintura II: 60h
(ART022) - Gravura II: 60h
(ART007) - Desenho Artístico II: 60h
(ART400) - Escultura II: 60h
(ART026) - Pintura III: 60h
(ART017) - Cerâmica III: 60h
(ART023) - Gravura III: 60h
(ART398) - Escultura III: 60h
(ART399) - Análise das Linguagens Contemporâneas I: 60h
(ART223) - Ateliê de Plástica dos Materiais e Reciclagem: 60h
(ART336) - Arte e Institucionalização: 60h
(ART397) - Multimídia Instrumental: 60h
(ART387) - Vídeo Instrumental: 60h
(ART222) - Ateliê de Artes e Novas Tecnologias: 60h
(ART360) - Prática Artística Acompanhada: 60h
(ART401) - Tópicos em Artes I: 60h
(ART402) - Tópicos em Artes II: 60h
(ART403) - Ilustração: 60h
(ART404) - Intermídia: 60h
(ART386) - Fotografia Instrumental: 60h
(ART396) - Fotografia II: 60h
(ART390) - Estudos da Cor: 60h
(ART203) - Estética e Crítica das Artes: 60h
(ART351) - Poéticas Centradas no Corpo: 60h
Eletivas FACED
(EDU319) – Arte e cultura Afro-brasileira: 60h

(EDU317) - Teatro e Educação: 60h
III – NÚCLEO PROFISSIONALIZANTE
ESTÁGIO (obrigatório): 400h
(EDU367) - Reflexões sobre a Atuação no Espaço Escolar I – Ensino de Artes Visuais: 60h
(EDU369) - Estágio Supervisionado no Ensino de Artes Visuais I: 140h
(EDU368) - Reflexões sobre a Atuação no Espaço Escolar II – Ensino de Artes Visuais: 60h
(EDU370) - Estágio Supervisionado no Ensino de Artes Visuais II: 140h
TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE (TFD): 120h
(ART468) - Trabalho de Formação Docente em Artes Visuais I (TFD I): 60h
(ART470) - Trabalho de Formação Docente em Artes Visuais II (TFD II): 60h
IV – NÚCLEO EIXOS TRANSVERSAIS
Flexibilização Curricular, Prática Como Componente Curricular e Educação e Cultura em Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão* – 850h
*Essas temáticas são efetivamente trabalhadas ao longo de todas as disciplinas do Núcleo II e IV deste PPC.
Flexibilização Curricular: 406h
Atividades complementares: 80h
Extensão: 326h
Práticas: 450h
(ART461) - Aplicação orientada de Mediação em Artes: 30h
(ART463) - Prática Orientada de Leitura e Produção de Imagens para Educação: 60h
(ART465) - Aplicação orientada de Arte-Educação e Novas Tecnologias: 60h
(ART466) - Aplicação orientada de Poéticas Visuais na Arte-educação: 60h
(ART469) - Prática Orientada de TFD I: 30h
(ART471) - Prática Orientada de TFD II: 30h
(EDU378) - Saberes Artísticos Escolares com Prática de Saberes Artísticos Escolares: 30h práticas (do total de 90h da disciplina)
(EDU366) - Políticas Públicas e Gestão da Educação com Prática Educativa: 30h práticas (do total de 90h da disciplina)
(EDU376) – Ensino de Artes Visuais na Escola Básica I com Prática em Ensino de Artes Visuais I: 60h práticas (do total de 90h da disciplina)
(EDU377) – Ensino de Artes Visuais na Escola Básica II com Prática em Ensino de Artes Visuais II: 60h prática (do total de 90h da disciplina)

3.1. Núcleo de Formação Geral (FG)

Constituem disciplinas obrigatórias que servem de base para abertura de diversos campos do saber artístico e da cultura de modo geral, abarcando, ainda, as análises do mundo contemporâneo e aqueles conteúdos que operam na constituição de um arcabouço intelectual que

possa auxiliar o estudante no processo de estruturação do conhecimento e na organização da reflexão.

Têm caráter teórico-prático e estão propostas sobre os campos compreendidos pelos pensamentos filosófico, literário, semiológico, histórico, atualidade cultural, ciências e ciências aplicadas, devendo ser cursadas por todos os alunos que ingressam na Licenciatura em Artes Visuais, qualquer que seja o campo de formação profissional em que se especializem ao longo do curso.

Estas disciplinas são instituídas no intuito de contribuir com a formação geral do aluno, ampliando seu arquivo cultural e expandindo seu campo particular de referências, auxiliando-o, ainda, a desenvolver e articular seus conhecimentos teórico-práticos de maneira coerente, crítica e autônoma, no interior de sua práxis artístico-criativa. Elas também objetivam:

- Construir conhecimentos multidisciplinares;
- Auxiliar o aprimoramento do trabalho de construção desses conhecimentos, sua contextualização e seus encadeamentos interdisciplinares;
- Aprimorar a utilização das referências oriundas das diversas áreas do conhecimento nas propostas artístico-criativas;
- Auxiliar a formulação verbal e escrita do trabalho criativo, auxiliando a conexão entre fatos concretos e abstrações; análises e sínteses, revelando as articulações lógicas do raciocínio;
- Auxiliar no desenvolvimento da capacidade de extrapolar o jogo com a referência a outros objetos de conhecimento, originários de contextos diversos ou de práticas coletivas;
- Aprimorar a faculdade de questionamento crítico-poético, o enunciado de hipóteses de trabalho que logrem relacionar os dados objetivos da reflexão às questões de natureza mais biográfica;
- Potencializar o papel dessas aquisições no campo concreto da criação.

Tais componentes curriculares são igualmente organizados a partir do conceito operativo de matéria, sendo essas grandes unidades temáticas oferecidas no âmbito do IAD e correspondentes, no caso, a disciplinas teóricas e instrumentais entendidas como suporte para diferentes desdobramentos na formação em arte-educação. Visam proporcionar aos estudantes condições para a aquisição de dupla competência: prática e teórica.

Competência Prática: Considerando que a criatividade se manifesta através das realizações e das experimentações concretas, as matérias de competência prática são propostas aos alunos como situações-problema-padrão de pesquisa e de realização, aos quais o estudante responderá elaborando projetos criativos pessoais e, ao realizá-los, adquirirá competência técnica.

Os conteúdos dos projetos abarcarão as mais distintas práticas artísticas: pintura, escultura, animação, desenho, gravura, fotografia, vídeo, práticas editoriais, práticas corporais, práticas de ensino, cenografia, cenotécnica, à critério do estudante, o que permitirá a diversificação das habilidades e o aprofundamento no jogo das competências das áreas com as quais se identifica.

O trabalho de pesquisa experimental, abordado no contexto de aproximações diversificadas, constitui, por princípio, o fundamento do trabalho reflexivo.

Competência Teórica: Considerando que a produção artístico-criativa demanda sentido, as disciplinas teóricas, de caráter transversal e integrador, operam no circuito histórico-teórico-poético da arte e da cultura em geral, articulando e desenvolvendo as reflexões que emergem dos campos de práticas.

Este conjunto auxilia os estudantes no processo de compreensão das obras, das proposições, dos fenômenos artísticos e culturais e no desenvolvimento da competência de organização de discursos interpretativos, elaborados sob as metodologias e conhecimentos que lhes são fornecidos.

De uma maneira geral, essas disciplinas se voltam para a aprendizagem dos meios de expressão e privilegiam a relação entre cognição, visão e invenção.

3.2. Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos das áreas de atuação profissional da formação específica (NA)

Para o estudante completar sua formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais, são obrigatórias 1170 horas de formação específica. Vale destacar, conforme demonstrado na tabela que apresenta este núcleo, que parte desta carga horária é obrigatória, e outra é eletiva, permitindo ao aluno construir um percurso mais flexível dentro de sua área de atuação. Os componentes curriculares desse núcleo possuem, em sua maioria, uma parte prática, a ser realizada a partir de disciplina cursada concomitantemente às disciplinas teóricas. O objetivo geral deste conjunto é integrar os diversos conteúdos teóricos formativos por meio da mobilização destes repertórios para diferentes processos de mediação em arte, de modo a contribuir para a materialização das reflexões críticas do licenciando e suas aplicações na sua prática docente no decorrer do curso. Tais aplicações se darão em acordo com as práticas docentes em instituições de interesse do/a licenciando/a, a saber: redes públicas de ensino; instituições privadas de ensino; museus, centros culturais, galerias, ateliês, organizações não governamentais etc.

Houve uma grande preocupação em organizar e oferecer tais disciplinas de modo a permitir ao aluno uma formação atenta aos diferentes circuitos das artes, às poéticas visuais da contemporaneidade, à diversidade cultural e aos novos modos de poetizar e fruir arte. Desse

modo, o licenciando problematiza e trabalha as práticas e poéticas visuais na perspectiva da arte-educação e suas potencialidades.

3.3. Núcleo Profissionalizante (NP)

Envolve o conjunto de disciplinas teóricas e práticas que norteiam os estágios curriculares, além do Trabalho de Formação Docente em Artes Visuais (TFD). As disciplinas são oferecidas pela Faculdade de Educação da UFJF, e o TFD é preferencialmente orientado por professores do Núcleo de Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura) do IAD. As disciplinas oferecidas incluem os conhecimentos humanísticos e pedagógicos pertinentes ao campo da Educação, desenhados e geridos por profissionais da Faculdade de Educação da UFJF, trazendo, em suas disciplinas teóricas e práticas, a formação necessária à constituição de um profissional de educação que tenha por objetivo a arte/educação. As disciplinas teóricas oferecem a possibilidade do educando conhecer questões referentes aos processos de educação, desde os pedagógicos e didáticos que têm como tema direto a religião e seu ensino, como os que se referem às relações entre educação, legislação e políticas públicas. Estas disciplinas também formam para uma correta compreensão, por parte do educando, das relações ensino-aprendizagem em seus diversos níveis; organizam disciplinas sob o recorte prático e processual da Educação; articulam os conhecimentos teóricos e metodológicos das Artes Visuais e da Educação na prática docente, permitindo a familiaridade e domínio das técnicas pedagógicas, por meio de acompanhamentos escolares e estágios supervisionados; possibilitam ao educando o contato com a prática em sala de aula, e com tudo o que isto comporta: tensões, conflitos, planejamentos, recursos didáticos, relações humanas, oportunidades e dificuldades. É o momento (e o desafio) em que a teoria deve fazer-se carne e habitar o mundo real, fora do mundo da academia.

Aproveitando o potencial articulador dos saberes artísticos e pedagógicos na produção e experimentação de material didático-estético, a inclusão dessas disciplinas visa também oferecer o arcabouço para o desenvolvimento do Trabalho de Formação Docente em Artes Visuais (TDF I e II), melhor explicitado abaixo.

Fizeram-se necessárias alterações para atender às demandas da reformulação das Licenciaturas propostas pela Faculdade de Educação (FACED), responsável pela formação pedagógica dos licenciandos/as da Universidade, de modo que fosse possível cumprir a legislação vigente para as Licenciaturas, bem como as normativas do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) da UFJF para integralização de disciplinas em cursos de licenciatura com duração de 4 anos, conforme tabela a seguir⁵:

⁵ <http://www.ufjf.br/deptoeducacao/files/2015/10/Matriz-curricular-licenciaturas-integraliza%C3%A7%C3%A3o-em-4-anos.pdf>

MATRIZ DAS LICENCIATURAS APÓS A REFORMA (integralização em 4 anos)				
PERÍODO	DISCIPLINAS DE FUNDAMENTOS		DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA	
3º	ESTADO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO (4 créditos; 60 horas)		SABERES... (4 créditos; 60 horas)	PRÁTICA EM SABERES... (0 créditos; 30 horas)
4º	POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DO ESP ESCOLAR (4 créditos; 60 horas)	PRÁTICA EM POLÍTICAS PÚBLICAS... (0 créditos; 30 horas)	METODOLOGIA DO ENSINO... (4 créditos; 60 horas)	
5º	PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM (4 créditos; 60 horas)		ENSINO DE... NA ESC BÁSICA I (2 créditos; 30 horas)	PRÁTICA EM ENSINO DE... NA ESCOLA BÁSICA I (0 créditos; 60 horas)
6º			ENSINO DE... NA ESC BÁSICA II (2 créditos; 30 horas)	PRÁTICA EM ENSINO DE... NA ESCOLA BÁSICA II (0 créditos; 60 horas)
7º	QUESTÕES FILOSÓFICAS APLICADAS À EDUCAÇÃO (4 créditos; 60 horas)		REFLEXÕES... I (4 créditos; 60 horas)	ESTÁGIO SUPERVISIONADO... I (0 créditos; 140 horas)
8º			REFLEXÕES... II (4 créditos; 60 horas)	ESTÁGIO SUPERVISIONADO... II (0 créditos; 140 horas)

AS ANTIGAS PRÁTICAS CORRESPONDEM ÀS ATUAIS: PRÁTICA ESCOLAR I (60H) = PRÁTICA EM POLÍTICAS (30H) + PRÁTICA EM SABERES (30H); PRÁTICA ESCOLAR II (60H) = PRÁTICA EM ENSINO DE... I (60H); PRÁTICA ESCOLAR III (60H) = PRÁTICA EM ENSINO DE... II (60H).

3.4 IV – Núcleo Eixos Transversais: Flexibilização Curricular, Prática Como Componente Curricular e Educação e Cultura em Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão (NET)

A flexibilização curricular perpassa todo o curso, com destaque para as atividades realizadas no contexto das Atividades complementares de ensino, pesquisa e extensão, cujo percurso poderá ser construído pelo próprio estudante. Nos componentes curriculares correspondentes ao Núcleo II, são abordados temas transversais conjuntamente a cada um dos componentes curriculares, que envolvem direitos humanos, diversidade e inclusão. Tais temas foram uma preocupação muito presente neste PPC, de modo que são destaque em disciplinas como Ensino de História da Arte e Crítica, Libras, Arte e Cultura Afro-brasileira, bem como todos os componentes. A perspectiva de trabalho e planos de aula foram construídos a partir de abordagens não-hegemônicas.

4. PADRÃO DE OFERTA DE DISCIPLINAS

1º PERÍODO	HORAS
(ART376) ARTE E HISTÓRIA I	60
(ART392) LINGUAGEM VISUAL	60
(ART006) DESENHO ARTÍSTICO I	60
(ART394) IMAGEM DIGITAL 2D	60
(ART084) DESENHO GEOMÉTRICO APLICADO ÀS ARTES	60
TOTAL	300

2º PERÍODO	HORAS
(ART377) ARTE E HISTÓRIA II	60
(ART021) GRAVURA I	60
(ART049) CERÂMICA I	60
(ART024) PINTURA I	60
(ART460) MEDIAÇÃO EM ARTE	60
(ART461) APLICAÇÃO ORIENTADA DE MEDIAÇÃO EM ARTE	30
TOTAL	330

3º PERÍODO	HORAS
(ART378) ARTE E HISTÓRIA III	60
(EDU378) SABERES ARTÍSTICOS ESCOLARES COM PRÁTICA DE SABERES ARTÍSTICOS ESCOLARES	90
(EDU034) ESTADO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO	60
(ART395) ESCULTURA I	60
(ART462) OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS PARA EDUCAÇÃO	30
(ART463) PRÁTICA ORIENTADA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS PARA EDUCAÇÃO	60
(ART464) ARTE-EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS	30
(ART465) APLICAÇÃO ORIENTADA DE ARTE-EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS	60
TOTAL	450

4º PERÍODO	HORAS
(EDU139) METODOLOGIA DO ENSINO DAS ARTES	60
(ART393) SEMINÁRIOS DE TEMAS TRANSVERSAIS	60
(EDU366) POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO COM PRÁTICA EDUCATIVA	90
ELETIVA + PRÁTICA	90
ELETIVA + PRÁTICA	90
TOTAL	390

5º PERÍODO	HORAS
(EDU376) ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA BÁSICA I COM PRÁTICA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS I	90
(PEO039) PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	60
(ART467) POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO	30
(ART466) APLICAÇÃO ORIENTADA DE POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO	60
ELETIVA + PRÁTICA	90
ELETIVA + PRÁTICA	90
TOTAL	420

6º PERÍODO	HORAS
(EDU377) ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA BÁSICA II COM PRÁTICA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS II	30
(LEM184) LIBRAS E EDUCAÇÃO PARA SURDOS	60
(ART468) TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS I (TFD I)	60
(ART469) PRÁTICA ORIENTADA DE TFD I	30
ELETIVA + PRÁTICA	90
ELETIVA + PRÁTICA	90
TOTAL	420

7º PERÍODO	HORAS
(EDU054) QUESTÕES FILOSÓFICAS APLICADAS À EDUCAÇÃO	60
(EDU367) REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR I – ENSINO DE ARTES VISUAIS	60
(EDU369) ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS I	140
(ART470) TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II (TFD II)	60
(ART471) PRÁTICA ORIENTADA DE TFD II	30
TOTAL	350

8º PERÍODO	HORAS
(EDU368) REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR II – ENSINO DE ARTES VISUAIS	60
(EDU370) ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS II	140
TOTAL	200

COMPOSIÇÃO GERAL (CARGA HORÁRIA MÍNIMA OBRIGATÓRIA)
COMPONENTES CURRICULARES OBRIGATÓRIOS: 1800h
COMPONENTES CURRICULARES ELETIVOS: 540h
ESTÁGIO: 400h
TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE (TFD): 120h
ATIVIDADES COMPLEMENTARES: 80h
EXTENSÃO: 326h
TOTAL DO CURSO: 3260h

4.1 Integralização Curricular

O curso Licenciatura em Artes Visuais possui uma carga horária total de 3.260 horas, divididas em disciplinas obrigatórias, eletivas, atividades complementares, atividades de Extensão, Estágios e TFD (Trabalho de Formação Docente). O prazo normal para a integralização do curso é de 8 períodos, ou seja, 4 anos, quando cursados sem interrupção. O tempo máximo para a integralização da Licenciatura em Artes Visuais é o relativo a 16 semestres, correspondendo ao dobro do número de períodos oferecidos para a integralização regular, computados neste período os eventuais trancamentos ou intercâmbio de mobilidade acadêmica.

5. TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE (TFD)

Atividade obrigatória para conclusão da Licenciatura em Artes Visuais, é realizado durante os últimos semestres do curso, como parte integrante das disciplinas Trabalho de Formação Docente I e Trabalho de Formação Docente II. Esta atividade é realizada sob supervisão do/a docente responsável por estes componentes curriculares, preferencialmente com orientação de professores efetivos do Núcleo de Licenciatura em Artes Visuais do IAD ou da FACED, em suas diversas áreas de atuação. As disciplinas destinadas à realização do TFD devem ser

cursadas concomitantemente às suas respectivas práticas: Prática Orientada de TFD I e Prática Orientada de TFD II. A prática constitui-se de experimentação da ordem do fazer artístico, do ensino e da fruição da arte, permitindo ao estudante trabalhar efetivamente sua proposta de pesquisa, articulada ao embasamento teórico vivenciado na parte teórica (TFD I e TFD II).

O Trabalho de Formação Docente funciona como um trabalho de conclusão de curso da Licenciatura e visa contribuir para o desenvolvimento da capacidade científica, crítico-reflexiva e criativa do discente, assegurando a coerência no seu processo formativo, ampliando e consolidando os estágios, as práticas docentes e as atividades complementares.

Espera-se que, no decorrer do curso, o licenciando desenvolva processos poético-didáticos individualizados, demonstrando capacidade crítico-reflexiva acerca das questões atuais da Educação e das artes, bem como conhecimento de processos e materiais didáticos inovadores.

O resultado deste projeto poderá, em caso de trabalho com grande peso teórico, se constituir em Monografia de Graduação, seguindo as Normas para Apresentação de Documentos Científicos, definidas de acordo com a ABNT, ou em Relatório Técnico-Reflexivo, também norteado pelas regras da ABNT. Ambos os casos deverão ser acompanhados de trabalhos práticos, experimentos e observações devidamente registrados em mídias impressas e/ou digitais.

O material a ser desenvolvido no decorrer do curso deverá resultar de reflexões teóricas e observações e experimentações nos locais de prática docente, dando forma aos processos pedagógicos elaborados pelo discente. Poderá se constituir em objetos físicos ou virtuais ou em métodos devidamente registrados. Este trabalho deverá ser apresentado sob forma de artigo, monografia, trabalho teórico ou prático, processos de mediação em arte, produção artística, protótipo de material didático, crítica de arte etc. – desde que aponte para uma discussão dentro dos campos da Arte-Educação.

Ao final do penúltimo semestre do curso, a partir da disciplina de TFD II, deverá ser apresentado um Trabalho de Formação Docente, em sessão pública, a uma banca examinadora, composta pelo professor orientador e mais dois professores que desenvolvem atividades em temas afins, escolhidos conjuntamente pelo orientador, pelo coorientador (quando houver) e pelo estudante. O agendamento deverá ser feito junto à coordenação com no mínimo um mês de antecedência à data de encerramento da disciplina de TFD.

O TFD deverá ser defendido perante uma banca como avaliação final do projeto desenvolvido. A nota final desta disciplina, portanto, será igual à média das notas atribuídas pela banca examinadora ao relatório, ao protótipo e à apresentação do estudante.

Será considerado aprovado o discente que obtiver, no mínimo, a média final igual a 60 (sessenta), numa escala de 0 (zero) a 100 (cem).

A proposta ou elaboração final do TFD deverá ser entregue a cada um dos membros da banca escolhida. A definição da data de defesa e da composição da Banca será de responsabilidade do aluno e do seu orientador.

A composição da Banca Examinadora apenas poderá ser encaminhada à secretaria do Instituto de Artes e Design uma vez constatada a disponibilidade dos membros na data e horário propostos. A consulta e confirmação desta disponibilidade ficará sob a responsabilidade do aluno e de seu orientador, sendo encaminhado à secretaria em formulário próprio. A indicação/reserva, bem como a disponibilidade do local para a realização do TFD em área interna ou externa ao IAD, é de responsabilidade do aluno/orientador e deverão ser informadas à secretaria do IAD no mesmo formulário de composição de banca.

A Defesa de TFD segue os critérios estabelecidos pelo Regulamento Acadêmico de Graduação (RAG) da UFJF. A banca examinadora deverá constar de três membros. Ao menos dois professores membros da banca deverão ser vinculados aos cursos (Bacharelado e Licenciatura) de Artes Visuais do IAD, sendo um deles o orientador que presidirá a Banca. A apresentação do TFD deverá seguir o seguinte roteiro:

I - Exposição do trabalho pelo aluno.

II - Comentário dos membros da banca sobre o trabalho em questão com direito a réplica do aluno, caso solicitado.

III - Avaliação conjunta feita pelos membros da banca (sem a presença do aluno).

IV - Leitura pública da nota e comentários finais.

V - Redação de ata feita pelo orientador e assinada por todos os membros da banca.

A Banca Examinadora avaliará o relatório escrito e o desempenho do candidato na arguição, emitindo parecer em ata como:

I - Aprovado

II - Reprovado

Os casos omissos deverão ser definidos pelo coordenador do curso, em consulta ao Núcleo Docente Estruturante (NDE) da Licenciatura em Artes Visuais.

6. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

O Estágio Curricular Supervisionado é uma atividade obrigatória para a Licenciatura em Artes Visuais, com total de 400 horas, regulamentado pela Faculdade de Educação (FACED) e sua Comissão de Orientação de Estágio (COE), conforme o Capítulo V do Regimento Acadêmico de Graduação (RAG) e o Capítulo 7 do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) das Licenciaturas da UFJF, buscando a integração com

as redes públicas de ensino por meio de ações ou convênios que promovam integração com creches/escolas da rede pública, bem como com a rede particular de ensino e outras entidades educacionais.

O/A Licenciando/a em Artes Visuais deverá cumprir estágio, conforme grade disciplinar e horária estipulada, em estabelecimentos de ensino ou equipamentos sociais que visem educação. O estágio constitui-se em um importante processo de aprendizagem no qual o educando poderá observar e articular, com o devido acompanhamento, os conhecimentos teóricos que o curso oferece com a prática educacional efetiva do ambiente escolar. Outrossim, o estágio proporcionará ao Licenciando o desenvolvimento de noções e capacidades práticas como a do planejamento e trabalho em equipe; a observação, e interação, em sala de aula, de situações práticas às quais seu conhecimento teórico deverá se adaptar, em estratégias de intervenção pedagógica e ensino; a união entre razão conceitual e prática/experiência profissional, com todas as dificuldades e oportunidades a que esta interação conduz.

No âmbito acadêmico, o estágio vem sendo reconhecido como exercício de experiências de caráter teórico-prático, em que o estagiário encontra oportunidade de conceber, criar, realizar, em situação real, em determinadas condições, ações específicas à área profissional pela qual optou, com acompanhamento sistemático do professor.

O estágio viabiliza prioritariamente práticas profissionalizantes relativas à: caracterização de cenários sócio-políticos onde se insere a ação profissional, percepção das próprias deficiências e potencialidades, bem como das necessidades de autoaperfeiçoamento, evocação e recriação de suporte teórico-referencial, como subsídio às realizações, coparticipação efetiva no processo de aperfeiçoamento sócio-organizacional, vivência formativa do processo de transição entre a realidade estudantil e o ambiente profissional, compreensão das articulações e inter-relações entre estudo-trabalho.

A realização de atividades de estágio é sem dúvida, uma das condições indispensáveis para que o curso, como seus professores, cumpra efetivamente a tarefa de traduzir as formulações contidas nas diretrizes em um plano de estudo que seja capaz de oferecer as oportunidades de realizar aprendizagens, tanto em termos de assimilação de conceitos e dados (conhecimento), quanto de instrumentos de trabalho (habilidades) e capacidade de aplicação destes conhecimentos e habilidades a diversas situações e contextos de maneira autônoma (competências).⁶

Com base em tais pressupostos, durante o período de prática profissionalizante, objetiva-se: possibilitar ao aluno condições de aperfeiçoamento de competências fundamentais ao processo de articulação das dimensões teórico-práticas do currículo, com ênfase no “aprender a fazer”.

⁶ De acordo com PERRENOUD, Phillipe. **Construir as competências desde a escola**. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Quanto a seus aspectos organizacionais, a proposta de Estágios assume conotações diversas, requerendo, como qualquer atividade de aprendizagem, observância a princípios ético-filosóficos, teórico-metodológico-operacionais, que proporcionem: aprofundamento e ampliação de conhecimentos básicos, análise crítica da realidade, identificação de áreas e processos de intercâmbio ou inserção de seu campo específico de trabalho em outras esferas do conhecimento científico, exercício de atividades profissionais, como sujeitos, em iniciativas que envolvam agilização de estratégias de iniciação científicas, com possível inserção ou intervenção nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

6.1. Estágio não-obrigatório

Atividade opcional para a Licenciatura em Artes Visuais, o estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade complementar, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

7. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

As disciplinas e atividades de Formação Complementar são opcionais, oferecidas por todas as unidades acadêmicas da UFJF e por instituições de ensino superior reconhecidas para este efeito. São aquelas que o aluno cursa livremente, à margem inclusive, se assim decidir, das oferecidas na grade curricular da titulação que deseja alcançar. Não é necessário, nem mesmo, que sejam oferecidas pela Universidade Federal de Juiz de Fora, podendo ser oferecidas por outra universidade e, inclusive, por outra instituição, sempre que se estabeleça o convênio correspondente.

O número de créditos que o aluno acumulará através de disciplinas e atividades complementares de livre eleição nunca deverá ser superior a 10% do total de créditos que conforma seu plano de estudos. Para integralização da carga horária deste PPC, adotamos o mínimo de 80h.

As atividades de formação complementar também podem ser creditadas na participação do aluno em simpósios, festivais, seminários, encontros, cursos monográficos variáveis, bolsas de iniciação científica, monitorias e atividades culturais diversas. Tais atividades, por sua amplitude, não estarão relacionadas na grade curricular do curso e serão convalidadas e creditadas de acordo com um sistema de correspondência de carga horária, verificação de frequência e certificados apresentados pelo/a licenciando/a.

Atividades específicas voltadas para a formação inicial de professores (práticas de ensino, pesquisa e extensão) poderão ser computadas e, mediante apresentação de documentação comprobatória e análise pela coordenação do curso, contar como

créditos de disciplinas de Prática Docente (excetuando-se as disciplinas de Estágio Supervisionado e às práticas correspondentes a todas as disciplinas obrigatórias). São elas:

- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID): programa instituído pela CAPES que se constitui de prática escolar remunerada orientada por docentes da universidade e supervisionada por docentes das escolas públicas estaduais e/ou municipais envolvidas, com duração de um ano (dois semestres) e carga horária de 16 horas semanais.
- Projetos de Extensão: atividades extensionistas nas quais o licenciando comprovadamente atue como educador, como por exemplo, os Projetos de Universalização (PU) da universidade.
- Atividades de Mediação Cultural: atividades de natureza cultural nas quais o licenciando comprovadamente atue como educador, como por exemplo, os estágios em educação museal oferecidos pelo Museu de Artes Murilo Mendes (MAMM) e pelo Centro de Ciências da universidade.

Outras atividades poderão ser consideradas mediante comprovação e análise pela coordenação de curso.

As atividades Complementares têm como objetivo estimular e criar mecanismos que possibilitem ao acadêmico aprendizagem independente, através da participação de experiências diversificadas, que contribuam para ampliação de conhecimentos pertinentes ao seu futuro profissional e valorizando, por meio da disponibilização de horas, o envolvimento do estudante em atividades de interesse acadêmico e profissional.

8. EXTENSÃO

As atividades de extensão permitem ao estudante ampliar sua formação e delinear seu percurso formativo a partir das necessidades sociais. Os alunos da Licenciatura em Artes Visuais devem cumprir no mínimo 326 horas em atividades de extensão (relativo a 10% da carga horária da Licenciatura em Artes Visuais), de acordo com a Resolução MEC-CONAE 7, de 18 de dezembro de 2018, e pela Resolução 75/2022 do Conselho Setorial de Graduação (Congrad) da UFJF, que estabelece as normas para a inserção da extensão nos currículos de Graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Essa carga horária deve ser cumprida por meio da participação dos alunos em disciplinas obrigatórias com carga horária extensionista oferecidas pela Faced (Políticas Públicas e Gestão da Educação com Prática Educativa, Saberes Artísticos Escolares com Prática de Saberes Artísticos Escolares, Ensino de Artes Visuais na Escola Básica I

com Prática em Ensino de Artes Visuais I, Ensino de Artes Visuais na Escola Básica II com Prática em Ensino de Artes Visuais II), ou em quaisquer projetos e programas de extensão oferecidos pela UFJF, desde que devidamente registradas e certificadas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX).

A distribuição das horas de extensão a serem cumpridas se faz da seguinte forma:

Atividade Curricular de Extensão	Carga horária (total 326h)
Projetos e programas de extensão	206h
Prática como componente curricular – disciplinas Faced (30h cada): Políticas Públicas e Gestão da Educação com Prática Educativa; Saberes Artísticos Escolares com Prática de Saberes Artísticos Escolares; Ensino de Artes Visuais na Escola Básica I com Prática em Ensino de Artes Visuais I; Ensino de Artes Visuais na Escola Básica II com Prática em Ensino de Artes Visuais II	120h

Conforme disposto no art. 14 da Resolução 75/2022 da UFJF, o período de vigência dos Projetos Pedagógicos Curriculares com a inserção da extensão como componente curricular se dá no ano letivo à sua aprovação no Congrad. Sendo assim, discentes das turmas que ingressaram no curso de Licenciatura em Artes Visuais em data anterior à promulgação da referida Resolução (de 2020 a 2023), poderão substituir esta carga horária de 326h referente às atividades de extensão por carga horária extra cursada em disciplinas eletivas, disciplinas optativas e/ou atividades de flexibilização curriculares previstas no Título V e no Anexo I do Regimento Acadêmico da Graduação (RAG) da UFJF.

9. FORMA DE ACESSO AO CURSO

A principal forma de ingresso na Licenciatura em Artes Visuais é através do Sistema de Seleção Unificada (SISU) do Ministério da Educação, e pelo Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM) da UFJF. Será oferecido um total de 50 vagas. As entradas ocorrem no primeiro semestre de cada ano letivo. É possível ainda o ingresso através de editais específicos para ocupação de vagas ociosas ou transferência entre cursos, de acordo com o calendário acadêmico da UFJF.

10. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

10.1 Avaliação do Curso

A avaliação do Curso se dará por uma avaliação criteriosa e periódica do Projeto Pedagógico. Esta experiência crítica e consensual será parte integrante da implantação e implementação de novas atividades pedagógicas relevantes ao processo ensino-aprendizagem e possibilitará a detecção de pontos de deficiência ou em discordância com os objetivos deste projeto.

Serão realizadas avaliações de caráter diagnóstico, com os alunos desde o seu ingresso no curso e durante todo o processo de aprendizagem, verificando-se as mudanças imperativas instituídas durante a formação e vivência universitária. Esta avaliação possibilitará, por comparação entre as diferentes avaliações, a verificação da obtenção de novas habilidades por parte do aluno. Propõe-se também um processo avaliativo por parte de pesquisa com os egressos do Curso.

O Curso passará por avaliações permanentes através de comissão composta pela Coordenação do Curso e Colegiado de Curso competente, formado por representantes dos professores, funcionários e corpo discente. Esta comissão terá como metas:

- Elaborar o Plano de Trabalho, visando o aprimoramento do Curso com ações de curto, médio e longo prazo;
- Propor, analisar e implantar as dinâmicas, procedimentos, mecanismos, metodologias e instrumentos para a avaliação interna;
- Constituir Grupos Temáticos com a finalidade de elaborar estudos de acordo com as diferentes dimensões da autoavaliação;
- Coordenar avaliações semestrais a serem realizadas pelos discentes, de cada disciplina, estrutura didático pedagógica e atuação do corpo docente;
- Acompanhar as avaliações discentes, analisar e publicar relatórios parciais e finais, e quando for necessária encaminhar recomendações;
- Promover seminários internos, debates e reuniões, em conjunto com o corpo discente e sociedade discutindo o projeto pedagógico do curso;
- Criar condições para que a avaliação esteja integrada na dinâmica institucional assegurando a interlocução com segmentos e setores institucionais de interesse do processo avaliativo;
- Elaborar relatórios parciais e finais e recomendações a serem encaminhadas aos órgãos competentes da universidade;
- Prestar informações solicitadas pelo INEP, de acordo com os prazos e a legislação pertinente;

- Divulgar os resultados da avaliação interna aos avaliadores externos designados pelo INEP;

10.2. Avaliação de docentes, funcionários e técnicos-administrativos

Propõe-se a avaliação de docentes, funcionários e técnicos-administrativos através do nível de participação em atividades do curso, programas de educação continuada, programas de qualificação e um programa de acompanhamento aos iniciantes.

10.3. Sistema de Avaliação de Ensino e Aprendizagem

O curso de Licenciatura em Artes Visuais enfatiza a aprendizagem, o poetizar e fruir arte, na perspectiva da construção do conhecimento e não da transmissão ou instrução. Pretende-se, através de diferentes metodologias, que os alunos sejam sujeitos ativos de sua formação e não meros espectadores. Dentro das diferentes matérias e disciplinas, a ênfase solicitada é sempre neste sentido, de desenvolver as habilidades de raciocínio, através de problematização e contextualização do conteúdo, aproveitando as experiências individuais.

O sistema de avaliação do desempenho discente é feito de acordo com os objetivos e critérios de cada disciplina, especificados nos planos de ensino, e inclui a frequência e o aproveitamento acadêmico, devendo estar em conformidade com critérios e formas de avaliação já previstos pelo RAG – Regimento Acadêmico da Graduação da UFJF. Além disso, a verificação periódica do aproveitamento nas atividades acadêmicas cursadas pela discente ou pelo discente é realizada através de sistema automatizado institucional conforme descrito no Capítulo V do Regimento Acadêmico de Graduação (RAG).

É do entendimento da proposta deste curso que a avaliação seja um processo contínuo. Assim propõe-se a superação de uma avaliação somente classificatória na perspectiva de que cada pessoa envolvida no processo de ensino-aprendizagem atue com vistas a uma avaliação inovadora e formativa, e que contribua para a melhoria da qualidade do ensino.

São considerados instrumentos de avaliação: exercícios, proposições e experimentações práticas, avaliação teórica, seminários, atividades de prática de pesquisa, relatórios, análises de artigos científicos, entre outras atividades que cumpram com a proposta de verificar as relações de ensino-aprendizagem.

O processo de avaliação de disciplinas de caráter teórico/prático, em particular no domínio das artes deve ser coerente com a maneira como o raciocínio se desenvolve, enfatizando-se o aprendizado ativo por meio do envolvimento dos estudantes em atividades de descoberta. O professor não é simples transmissor de informações, mas um orientador de

experiências, em que os estudantes buscam conhecimento pela ação e não apenas pela linguagem escrita ou falada. Estas, embora expressem pensamentos, não substituem a experiência ativa e pessoal. Assim propõem-se também a avaliação de estratégias cognitivas e habilidades desenvolvidas.

Neste contexto, são considerados instrumentos de avaliação: avaliação prática, avaliação teórica, seminários, atividades de prática de pesquisa, relatórios, análises de artigos científicos, entre outras atividades que cumpram com a proposta de verificar as relações de ensino-aprendizagem. Devem ser realizadas atividades que permitam uma avaliação contínua e não pontual.

10.4. Núcleo Docente Estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante será composto por seis docentes, a saber:

- A coordenação de curso da Licenciatura de Artes Visuais;
- A vice-coordenação de curso da Licenciatura de Artes Visuais;
- A coordenação de curso do Bacharelado em Artes Visuais;
- 3 docentes da Licenciatura e/ou do Bacharelado em Artes Visuais.

As reuniões do Núcleo Docente Estruturante de Curso (NDE), cuja periodicidade deve ser de no mínimo 6 encontros anuais, terá como metas:

- Contribuir para a consolidação do perfil profissional pretendido do egresso;
- Zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- Indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- Zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação.

11. DISPOSIÇÕES FINAIS

11.1. LIBRAS:

A Política Nacional de Educação estabelece critérios para a inclusão de pessoas com baixa audição ou surdas, o que torna esta graduação importante e fundamental para a educação inclusiva, de modo geral. A disciplina Libras e Educação para Surdos é oferecida aos discentes de todos os cursos da UFJF, como componente curricular opcional nos

Bacharelados e como componente curricular obrigatório nas Licenciaturas, conforme Decreto no. 5.626, de 22 dezembro de 2005. A Pró-Reitoria de Graduação encaminhou ao Conselho de Graduação da UFJF a proposta de criação da disciplina, que foi aprovada pela Resolução CONGRAD no. 71/2008. Nesse sentido, a Licenciatura em Artes Visuais, através das políticas de inclusão da UFJF, incentiva os discentes à participação e realização das disciplinas do curso Letras-Libras como parte das Atividades de Formação Complementar.

11.2 Informações sobre o curso

Informações sobre o curso podem ser acessadas pelo site <http://www.ufjf.br/licenciaturavisuais>

Ou diretamente na coordenação do curso no endereço:

Instituto de Artes e Design – Campus Universitário – Bairro São Pedro – Juiz de Fora – MG – CEP 36036-330

Telefones: (32) 2102-3350

Email: secretaria.iad@ufjf.edu.br

11.3 Adaptação ao novo currículo

A adaptação do(a) discente a um novo currículo do curso de Licenciatura em Artes Visuais deverá seguir os critérios estabelecidos no Regulamento Acadêmico da Graduação em seu Art.55 do Capítulo IX, que diz:

Art. 55. Na reforma curricular, para optar pelo novo currículo, a discente ou o discente deve observar as seguintes condições:

I – apresentar declaração por escrito da opção pelo currículo novo, observadas as condições de adaptação;

II – respeitar o prazo previamente definido de integralização do curso, quando do seu ingresso;

Parágrafo único. A reprovação em qualquer disciplina do currículo antigo não assegura a permanência da discente ou do discente neste currículo, ficando sujeito às determinações da Coordenação do Curso para a equivalência necessária.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Regimento Acadêmico da Graduação da UFJF - RAG
- Regimento Geral da UFJF
- Resolução no. 01, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências.
- Resolução no. 17, de 31 de março de 2011. Conselho Setorial de Graduação da UFJF. Regulamenta a criação do Núcleo Docente Estruturante.
- Resolução no. 75, de 12 de julho de 2022. Estabelece normas para a Inserção da Extensão nos Currículos de Graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora
- Resolução CNE/CP no. 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica.
- Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999 - Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.
- Lei no 10.098 de 19 de dezembro de 2000 - Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
- Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.
- Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003 – Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana", e dá outras providências.
- Lei no 11.645, de 10 de março de 2008 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
- Lei no 11.788, de 25 de setembro de 2008 - Dispõe sobre o estágio de estudantes
- Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012 - Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.
- Decreto no 4.281, de 25 de junho de 2002 - Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Ambiental, e dá outras providências.

- Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- Resolução No 7, de 18 de dezembro de 2018 - Estabelece as diretrizes para extensão na Educação Superior.
- Resolução No 1, de 03 de janeiro de 2009 - Institui as Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em artes visuais e dá providências.
- Resolução No 2, de 18 de junho de 2007 - Dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização dos cursos de graduação.

13. ANEXO: CADERNO DE EMENTAS

A seguir, o conjunto de disciplinas obrigatórias e disciplinas eletivas de Arte-Educação que constituem o PPC do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFJF.

A - FORMAÇÃO GERAL:

ARTES E HISTÓRIA I - 60h

ART376

Ementa: Estudo dos conceitos fundamentais dos métodos de análise do objeto artístico; Arte na Antiguidade Greco-romana, arte medieval: Românico e Gótico; Arte Renascentista; Arte Barroca, Arte Neoclássica; Arte Romântica.

Conteúdo

I - Antiguidade clássica: gênese da cultura e do pensamento ocidental

I.1 – A escala humana da arte

II - Arte medieval: formação da iconografia cristã

II. 1- A era das catedrais: Arte Românica e arte Gótica

III - Renascimento e Humanismo

IV - Barroco e persuasão

V - Neoclassicismo e razão

VI - Romantismo e liberdade

Bibliografia básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Storia dell'arte italiana. Milão: Sansoni per la Scuola, 26ª edição, 3 v, 1989.

ARGAN, Giulio Carlo. Clássico anticlássico; o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

ARGAN, Giulio Carlo. Imagem e persuasão - ensaios sobre o barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BAXANDALL, Michael. O olhar renascente, pintura e experiência social na Itália da Renascença. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

CHASTEL, André. Arte y Humanismo. Madrid: Cátedra, 1982.

FRANCASTEL, Pierre. Pintura e sociedade. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

GUINSBURG, Jacó (org.) O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HAUSER, Arnold. Maneirismo. Lisboa, Edições 70.

MARAVALL, José Antônio. A cultura do Barroco. São Paulo: EDUSP, 1997

PANOFKY, Erwin. Idea: a evolução do conceito de belo. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

_____. Significado nas artes visuais. São Paulo, Perspectiva, 1991.

_____. A perspectiva como forma simbólica. Lisboa, Edições 70, s/d.

_____. Estudos de iconologia; temas humanísticos na arte do renascimento. Lisboa, Estampa, 1982.

STAROBINSKI, Jean. 1789: os emblemas da razão. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

STAROBINSKY, Jean. A invenção da Liberdade. São Paulo, EdUSP.

WÖLFFLIN, Heinrich. A arte clássica. São Paulo, Martins Fontes. 1990.

Bibliografia complementar:
Em aberto

ARTES E HISTÓRIA II - 60h

ART377

Ementa: Estudo dos os principais movimentos e tendências artísticas internacionais do final do século XIX até a atualidade. Reflexão sobre o processo de construção do espaço plástico moderno, seu período de formação e suas crises. O campo expandido da arte. Arte no contexto da cultura moderna. Arte Moderna. Arte Contemporânea.

Conteúdo

1 – Arte Moderna

1.1- Manet, Impressionismo, Cézanne, Seurat, Van Gogh e Gauguin

1.2 - Expressionismos (Fauvismo e Expressionismo alemão)

1.3 – Cubismo

1.4 – Futurismo

1.5 – As correntes construtivas: Construtivismo Russo, Neoplasticismo, Suprematismo, Bauhaus

1.6 - Dada e Surrealismo

1.7 - Expressionismo abstrato

2 – Arte Contemporânea

2.1 - Arte Pop

2.2 – Minimalismo

2.3 - Arte Conceitual

2.4- Land-art

2.5 – Fluxus

2.6 - Novas tecnologias

Bibliografia básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

ARCHER, Michael. Arte contemporânea – uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BATTCKOCK, Gregory (org.). A nova arte. São Paulo, Perspectiva, 1986. (coleção debates)

BRITO, Ronaldo. O moderno e o contemporâneo; in: Basbaum, Ricardo (org.) Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

CHIPP, H.B. Teorias da Arte Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (2ª edição).

FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (org.). Clement Greenberg e o debate crítico. Rio de Janeiro: FUNARTE/Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (org.). Escritos de artistas: 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FRANSCINA, Francis ... [et alii]. Modernidade e Modernismo: A Pintura francesa no final do século XIX. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1998.

GREENBERG, Clement. Arte e Cultura. São Paulo, Ática, 1995.

HARRISON, Charles... [et alii]. Primitivismo, Cubismo, Abstração: o começo do século XX. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1998.

KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KRAUSS, Rosalind E. Escultura no campo ampliado; in: Gávea. Rio de Janeiro: PUC-Rio, nº 01, s/d.

KRAUSS, Rosalind E. Os papéis de Picasso. São Paulo: Iluminuras, 2006.

RICKEY, George. Construtivismo: origens e evolução. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

VENÂNCIO FILHO, Paulo. Marcel Duchamp – A beleza da indiferença. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Wood, Paul ...[et aliii]. Modernismo em Disputa: A arte desde os anos quarenta. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1998.

Wood, Paul. Arte Conceitual. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2002.

Bibliografia complementar:
Em aberto

ARTES E HISTÓRIA III - 60h ART378

Ementa: Estudo da história da arte brasileira do período colonial à atualidade. Arte colonial. Arte Acadêmica. Modernismo. Concretismo e Neoconcretismo. Arte nos anos 60 e 70. Arte nos anos 80 e 90. Estudo de artistas contemporâneos de relevância nacional e internacional.

Conteúdo

- 1 – Arte Colonial
- 2 – Academicismo
- 3 – Modernismo
- 4 – Abstracionismo informal
- 5 – Abstração geométrica: Concretismo e Neoconcretismo
- 6 – Arte e política/ Arte e conceito: as décadas de 60 e 70
- 7 – Poéticas avulsas das décadas de 80 e 90
- 8 – Novas mídias na arte brasileira

Bibliografia básica:

AMARAL, Aracy. Arte para quê ? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970. São Paulo: Nobel, 1986

_____. Artes plásticas na Semana de 22. São Paulo: Perspectiva, 1979

BAEZ, Elizaeth Carbone. A Academia e seus modelos. In: Projeto Arte Brasileira: Academismo. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto de Artes Plásticas, 1986.

BASBAUM, Ricardo (org.) Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Rio de Janeiro, Record, 2v, 1984.

- BOSCHI, Caio C. O barroco mineiro: artes e trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRITO, Ronaldo. Experiência crítica: textos selecionados. Sueli de Lima (org.), São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- _____. Neoconcretismo – vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro, São Paulo: Cosac Naify, 1999.
- BRETT, Guy. Brasil Experimental. Arte/vida: proposições e paradoxos. Contra Capa, 2005.
- CANONGIA, Ligia. O legado dos anos 60 e 70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHIARELLI, Tadeu. Arte Internacional Brasileira. São Paulo: Lemos, 1999.
- COLI, Jorge. Como estudar a arte brasileira do século XIX? São Paulo: Senac São Paulo, 2005.
- DUARTE, Paulo Sérgio. Arte brasileira contemporânea – um prelúdio. Rio de Janeiro: Opus-Plajap, 2008
- DURAND, José Carlos. Arte, privilégio e distinção. São Paulo, Perspectiva, 1989.
- KLABIN, Vanda. A trajetória do artista carioca na década de 20 (do século XIX) In: Projeto Arte Brasileira: Academismo. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto de Artes Plásticas, 1986
- MACHADO, Lourival Gomes. Barroco mineiro. São Paulo, Perspectiva, 4ª edição, 1991.
- MAMMI, Lorenzo. Volpi, São Paulo: Cosac Naivy Edições, 2000.
- NAVES, Rodrigo. A forma difícil. Ensaios sobre a arte brasileira. São Paulo: Ática, 1996.
- PEDROSA, Mário. Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- _____. Mundo, homem, arte em crise. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- PEREIRA, Sônia Gomes. Arte brasileira no século XIX. Belo Horizonte: C/ Arte, 2008.
- SALZTEIN, Sonia. (org.) Mira Schendel. No vazio do mundo. São Paulo: Marca D'Água, 1996.
- ZÍLIO, Carlos. A Querela do Brasil. A questão da identidade na arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari/ 1922-1945. Rio de Janeiro: Edição Funarte, 1982.
- _____. (coord.) A modernidade em Guignard. Catálogo. Curso de Especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil, PUC-RJ, s/ data.
- ZANINI, W. História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles e Fundação Djalma Guimarães, 1983.

Bibliografia complementar:
Em aberto

LINGUAGEM VISUAL - 60h

ART392

Ementa: Desenvolver as competências de percepção, compreensão e interpretação dos códigos visuais dentro de diferentes contextos históricos e culturais, por meio de análise de diferentes mensagens visuais, seja na forma de imagens estáticas ou dinâmicas, seja na forma de objetos tridimensionais,

para que o estudante venha ser capaz de engendrar significados utilizando estes códigos visuais, seja para fruir seja para produzir imagens de qualquer natureza.

Conteúdo

- Introdução às Leis da Gestalt, abordagem textual e iconológica da imagem.
- Sintaxe visual: elementos morfológicos (ponto, linha, plano, textura, cor e forma) e suas relações dinâmicas (movimento, tensão e ritmo) e escalares (dimensão, formato, escala e proporção).
- Exercícios de percepção da estrutura e de fragmentação da forma (recorte, repetição, rebatimento etc).
- Semântica visual: figuras de linguagem (metáfora, metonímia, hipérbole, alegorias etc), temporalidade (descrição, narração), iconografia (convenções históricas de representação).
- Recepção e conteúdos simbólicos culturais e psicológicos.
- Análise de imagens bidimensionais estáticas (pinturas, cartazes, ilustrações, fotografias, frames etc) e dinâmicas (storyboards, quadrinhos, animações, filmes, interfaces digitais etc).
- Análise de imagens tridimensionais estáticas e dinâmicas (esculturas, instalações, brinquedos, embalagens, vestuário, mobiliário, objetos decorativos e utilitários etc.).

Bibliografia básica:

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora. São Paulo: Cengage Learning, 1980.
DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Bibliografia complementar:

BRAXHAGE, Stan. A aventura da percepção. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2009.
CHING, Francis D. K. Representação gráfica para desenho e projeto. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
STURKEN, Marita: Practices of looking: an introduction to visual culture. Nova York: Oxford University Press, 2009.
WONG, W. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DESENHO GEOMÉTRICO APLICADO ÀS ARTES - 60h

ART084

Ementa: Fundamentos iniciais do desenho. Material de desenho. Morfologia geométrica. Lugares geométricos. Geometria Tridimensional. Geometria dinâmica.

Conteúdo

Fundamentos iniciais do desenho: traçados livres (horizontais, verticais, à mão livre).

O desenho desde a infância na formação das pessoas: a passagem pela escola. Funções do desenho.

Hemisférios cerebrais e a atividade gráfica.

A geometria e a vida: aplicações nas várias ciências e no cotidiano;

Material de desenho: explicações e fundamentos: a régua; as medidas; os esquadros: um par diferente; o compasso: montagem, uso e destreza;

Morfologia geométrica: figuras planas: polígonos regulares e estrelados, triângulos, quadriláteros; circunferências, ovais: concordância, tangência, arcos, arcos arquitetônicos; cônicas: elipses, hipérbolas e parábolas.

Lugares geométricos: método de pesquisa, mediatriz, paralelas, bissetriz, circunferência e arco capaz.

Geometria Tridimensional: introdução, iniciação ao pensamento espacial

Geometria Dinâmica: a virtualidade do desenho e seu movimento.

Novo paradigma do ensino e aprendizado do desenho.

Bibliografia básica:

COSTA, Mário Duarte; COSTA, Alcy Vieira. Geometria gráfica tridimensional. Vols 1, 2 e 3. Recife: EdUFPE, 1994.

CROSS, Nigel. Desenhante: pensador do desenho. Santa Maria: sCHDs, 2004.

EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Rio de Janeiro : Ediouro, 1984.

FAINGUELERNT, Estela Kaufman. Educação matemática: representação e construção em geometria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GIONGO, Afonso Rocha. Curso de Desenho Geométrico. São Paulo: Nobel, 1984.

Geometria Dinâmica. Sites Internet, 2007.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. Desenhando: um panorama dos sistemas gráficos. Santa Maria : EdUFMS, 1998.

_____. Desenhismo. Santa Maria: EdUFMS, 1996.

_____. Rui Barbosa: um revolucionador de idéias: 120 anos de discurso brasileiro. Santa Maria: sCHDs, 2004.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros; STEINER, Ana Amélia (Org.). Debuxo. Santa Maria: EdUFMS, 1997.

HOFSTADTER, Douglas. Gödel, Escher, Bach: um entrelaçamento de gênios brilhantes. Brasília: EdUnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

KALEFF, Ana Maria Martensen Roland. Vendo e entendendo poliedros. Niterói: EdUFF, 2003.

KALEFF, Ana Maria Martensen Roland; REI, Dulce Monteiro; GARCIA, Simone dos Santos. Quebra-cabeças geométricos e formas planas. Niterói: EdUFF, 2002.

KOPKE, Regina Coeli Moraes. Geometria, desenho, escola e transdisciplinaridade: abordagens possíveis para a educação. Tese Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Educação, 2006.

_____. A diversidade da comunicação não verbal: o processo expressivo e gráfico. Dissertação Mestrado. Rio de Janeiro : UFRJ/ECO, 2001.

_____. SDA: sistema dirigido de avaliação. Juiz de Fora: (mimeo), 1988.

_____. Expressão gráfica: desenho como meio e não como fim. João Pessoa: Anais do Encontro Regional de Expressão Gráfica. 2002.

_____. Desenvolvendo competências com auto-avaliação. Recife: Anais do Encontro Regional de Expressão Gráfica. 2004.

- _____. Trabalhando auto-avaliação na universidade. Ouro Preto: Anais do Graphica 2000, 2000.
- LACOURT, Helena. Desenho Geométrico. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1985.
- MEDEIROS, Lígia. Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando. Santa Maria: sCHDs, 2004.
- MELODINOV, Leonard. A janela de Euclides. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- MONTENEGRO, Gildo Azevedo. Inteligência visual e 3D. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.
- _____. Habilidades espaciais: exercícios para o despertar de idéias. Santa Maria: sCHDs, 2003.
- PINHEIRO, Virgílio Athayde. Geometrografia. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Editora Bahiense, 1974.
- ULBRICHT, Sérgio Murilo. Geometria e desenho. Florianópolis: SMU (autor), 1998.

IMAGEM DIGITAL 2D - 60h

ART394

Ementa: Investigar as possibilidades de construção da imagem digital em duas dimensões. Pesquisar a imagem digital no campo da arte e do design, bem como nas interfaces de intercessão entre as duas áreas do saber. Este conteúdo se desenvolve a partir de exercícios práticos em computador, executados de forma individual por aluno.

Conteúdo

- 1 - Discursos e leituras de imagens.
- 2 - Os novos paradigmas da imagem digital.
- 3 - Processos de criação da imagem digital.
- 4 - Processos de desconstrução e montagem da imagem.
- 5 - Geração de efeitos especiais em imagens 2D.
- 6 - Manipulação fotográfica - métodos de interferência na imagem.
- 7 - Verdade e ficção na imagem fotográfica.

Bibliografia básica:

- SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1973.
- SAMAIN, Etienne (org). O fotográfico. São Paulo: SENAC, 2005.
- KRAUSS, Rosalind. O fotográfico. Lisboa: Gustavo Gilli, 2010.

Bibliografia complementar:

- AUMONT, Jacques. A imagem. São Paulo: Ed. Papyrus, 1993.
- AZEVEDO, Wilton. Os signos do design. São Paulo: Editora Global, 2 edição, 1996.
- BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacres et simulation. Paris: Ed. Galilee, 1993.
- DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- DENIS, Rafael Cardoso. Uma introdução a história do design. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2000.
- DONDIS, Donis. A Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FRANCASTEL, Pierre. Imagem, visão e imaginação. Lisboa: Edições 70, 1983.
FRUTIGER, Adrian. Sinais e Símbolos. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
HOLLIS, Richard. Design gráfico: uma história concisa. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
MOLES, Abraham. O Cartaz. Coleção Debates. São Paulo, Perspectiva, 1974.
MORAES, Dijon. Limites do design. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2ª edição, 1999.
MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
JOLY, Martine. Introdução a análise da imagem. São Paulo, Edições 70, 2007.
PERROTA, Isabella. Tipos e grafias. Rio de Janeiro, Senac, 2005.
SANTAELLA, Lucia. Palavra, imagem & enigmas. Revista USP, n.16. dez./jan./fev.
SOUZA, Pedro Luiz Pereira. Notas para uma história do design. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2ª edição 2000.
STRUNCK, Gilberto. Como criar identidades visuais para marcas de sucesso: Rio de Janeiro, Rio Books, 2001.
STRUNCK, Gilberto. Viver de Design. Rio de Janeiro, 2AB, 1998.
VILLAS-BOAS, André. O Que é (e o que nunca foi) design gráfico. Rio de Janeiro: 2AB, 1999.
VILLAS-BOAS, André. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SEMINÁRIO DE TEMAS TRANSVERSAIS - 60h

ART393

Ementa: O principal propósito da disciplina é estabelecer um contato com diversas tendências culturais atuais, explorando criticamente suas consequências em diversos domínios político, social, educacional e artístico. Análise das matrizes culturais e dos mecanismos de formação étnica e cultural do povo brasileiro, valorizando as raízes africanas da nação brasileira. Análise de questões a respeito da problemática ambiental e preservação do meio ambiente.

Conteúdo

A disciplina possui conteúdos organizados na forma de seminários temáticos relacionados ao desenvolvimento de novos paradigmas culturais, científicos e tecnológicos, e seus desdobramentos em domínios políticos, artísticos e educacionais de forma geral. Os seminários serão organizados pelo professor da disciplina e ministrados por palestrantes convidados - cientistas, filósofos, artistas, artesãos e produtores culturais de diversas áreas - que promovam os conhecimentos e a cultura de matriz africana e/ou que dizem respeito à população negra. O seminário poderá ser organizado a partir de temas variados ou a partir de um mesmo grupo temático.

Bibliografia básica

LIPOVETSKY, G.; ROUX, E. O luxo eterno. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
MATTA, Roberto da. O que faz o Brasil, Brasil: São Paulo: Rocco, 1997.
MOTA, Lourenço Dantas. Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. São Paulo: SENAC, 2008.
ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, Carlos Alberto M. Anos 70: trajetórias. São Paulo: Iluminuras, 2005.
RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

Bibliografia complementar:

Variável segundo indicação do professor e sugestão dos palestrantes. Referências para leitura, livros, catálogos de exposições e escritos de artistas serão constantemente renovados, de acordo com a evolução dos tópicos que organizam os módulos propostos.

Formação básica Linguagens da Arte (obrigatórias): 300h

CERÂMICA I - 60h

ART049

Ementa

Identificação de diferentes massas cerâmicas, pigmentos, ferramentas e equipamentos. Técnicas básicas de modelagem e construção de estruturas tridimensionais (artesanato, utilitários, design de produto e peças escultóricas). Texturas e acabamento (alto e baixo relevo, impressão, incisão, esgrafito). Processos de secagem e queima em forno elétrico de até 1280o C; acabamento em forno primitivo (oxidação). Educação para sustentabilidade (reciclagem das massas cerâmicas, reutilização de sobras e fragmentos de cerâmica, redução de resíduos para descarte, destinação correta de resíduos).

Conteúdo

Apresentação da história da cerâmica artesanal, artística, industrial e para terapêutica, exemplos das técnicas básicas e avançadas para confecção de artefatos, diferentes massas cerâmicas e pigmentos em aula teórica para introdução da disciplina. Desenvolvimento, por aula, de uma técnica de modelagem: rolos, placas, modelagem livre com ocagem, reprodução de formas orgânicas com fôrma de atadura gessada, texturização, impressão de alto e baixo relevos, polimento (brunimento), secagem e queimas em forno elétrico e acabamento em forno primitivo (oxidação).

Bibliografia básica

COSENTINO, Peter. Enciclopedia de tecnicas de ceramica: guia de las tecnicas de ceramica y su utilizacion paso a paso. 2. ed. Barcelona: Acanto, 1993;
MIDGLEY, Barry. Guia completa de escultura, modelado y ceramica: tecnica y materiales. Madri: Hermann Blume, 1982;
SOUZA, Jacqueline Prado de. A arte da cerâmica de Minas Gerais. Belo Horizonte: C/Arte, 2016.

Bibliografia Complementar

A BÍBLIA SAGRADA - ANTIGO E NOVO TESTAMENTO. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969;
ADAMS, H. Tom and Jack: the intertwined lives of Thomas Hart Benton and Jackson Pollock. Nova York: Bloomsbury Press, 2009;
ALEXENBERG, M. The future of art in a postdigital age: from hellenistic to hebraic consciousness. Chicago: Intellect Books/ University of Chicago Press, 2011;

ANDRADE, M. O baile das quatro artes. In: Obras completas de Mário de Andrade. São Paulo: Martins Editora, 1963;

ARGAN, G. C. A arte moderna na Europa: de Hogarth a Picasso. Tradução, notas e posfácio de Lorenzo Mammì. São Paulo: Companhia das Letras, 2010;

_____. Guia de história da arte. Portugal: Estampa, 1994;

BARDI, P. M. Arte da cerâmica no Brasil. São Paulo: Banco Sudameris Brasil, 1980;

BAUDRILLARD, J. O sistema dos objetos. Trad. Zulmira R. Tavares. São Paulo: Perspectiva, 1973;

BAUMAN, Z. A modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001;

_____. O mal estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998;

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica In: Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994;

BRASIL; Instituto Nacional de Tecnologia. Curso de cerâmica /. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Tecnologia: Divisão de Educação e Divulgação, [19--];

CAMPOS, D. Q. Imagem e materialidade em uma coluna ilustrada. In: IV Colóquio História e Arte - Imagem e memória. Florianópolis, 2011. v. 1;

CARDOSO, Armando. Manual de cerâmica. [s.l.]: Livraria Bertrand, [19--];

CHAVARRIA, Joaquim. A cerâmica. Lisboa: Editorial Estampa: 1997;

CHIPP, H.B. Teorias da arte moderna. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996;

DAIX, P. Picasso, Barcelona: Circulo de lectores, 1969;

COOPER, Emmanuel. Cerâmica /. 2. ed. Barcelona: Instituto Parramon, 1980;

DANTO, A. Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseus Editora, 2006;

DOMINGUES, Diana (org.). Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora Unesp, 2003;

_____. Arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: Editora Unesp, 1997;

HUGHES, Therle. Pottery and porcelain figures /. New York: Country Life Books, 1981;

MCCOLM, Ian J. Dictionary of ceramic science and engineering. 3rd ed. New York: Springer, 2013;

MILANI, Marcelino. Manual do técnico em cerâmica /. Santo André: Editora Técnica Piping, 1978;

RADA, Pravoslav. Las Tecnicas de la ceramica: el arte y la practica. Madri: Libsa, 1990;

RHODES, Daniel. Arcilla y vidriado el ceramista. Barcelona: CEAC, c1990;

VAN VLACK, Lawrence Hall. Propriedades dos materiais cerâmicos /. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

PINTURA I - 60h

ART024

Ementa

Fundamentação histórica e de domínio prático em técnicas de pintura nas artes visuais. Instrumentalizar o aluno na teoria e na prática técnica

para que o mesmo possa ter subsídios para o desenvolvimento de projetos bem como a análise e a discussão teórica dos mesmos.

Conteúdo

01. Instrumental: a tinta, pigmentos, aglutinantes, veículos, suportes, conservação
02. Têmperas: histórico, instrumental, tipos de têmperas, vernizes, conservação
03. Guache: histórico, fórmulas e instrumental, procedimentos técnicos
04. Mostra dos trabalhos na galeria Guaçuí ou outro espaço institucional disponível.

Bibliografia Básica

- BOIS, Yve-Alain. A pintura como modelo. São Paulo. Martins Fontes, 2009
- FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília [Orgs.]. Escritos de artistas anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006
- GOMBRICH, E H. Arte e Ilusão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LICHTENSTEIN, Jacqueline [org] A PINTURA, v. 1,5,6, 8,9,10,11. São Paulo: Editoria 34, 2004-2007.

Bibliografia Complementar

- BOURRIAUD, Nicolas. Formas de Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____ Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BHABHA, Hommi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BUENO, Maria Lucia Busato. Tintas naturais. Uma alternativa para pintura artística. UFP Editora, 1989.
- BUENO, Maria Lucia Busato. Vivências de um fazer pictórico com tintas naturais. UFP Editora, 2005. (BUENO, 2005)
- BASBAUM, Ricardo. Arte Contemporânea Brasileira. Textura-dicções-ficções-estratégias. ContraCapa, 2001.
- DOERNER; Max; The Materials of the Artist and Their Use in Painting; 1921.
- DUVE, Thierry de. Fazendo escola (ou refazendo-a?). Chapecó: Argos, 2012.
- FISCHER, Ernest, La necesidad del arte. Altaya, Madrid, 1999
- EASTLAKE; Sir Charles Lock; Methods and Materials of Painting of the Great Schools and Masters; Dover; 1847.
- HERCULANO, José. Materiais populares na educação artística. MG: Coordenação de Cultura do Governo de Minas Gerais, 1983
- LAURIE; A.P.; The Painter's Method's and Materials; Dover; 1967.
- LICHTENSTEIN, Jacqueline [org] A PINTURA, v. 1,5,6, 8,9,10,11. São Paulo: Editoria 34, 2004-2007.
- LOGAN, Jason. Make ink. A forager's guide to natural inkmaking. NY: Abrams, 2018 (LOGAN, 2018)
- MANO, Rubens. Na construção do lugar. In: Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte [29o. 2010: Belo Horizonte, MG]/Bolsa Pampulha 2007-2008.

Org. Fabíola Moulin e Marconi Drummond. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2009.

GRAVURA I - 60h

ART021

Ementa

Definição e História da Gravura. Introdução às linguagens das Artes Gráficas. Práticas associadas à linguagem da Gravura: Estêncil, Monotipia, Pourchoir. O desenho preparatório para a Gravura. Introdução à Gravura em relevo. Xilogravura: Teoria e Prática. Processos de impressão em Preto e Branco e a utilização da Cor. Assinatura

Conteúdo

Unidade I. Introdução às técnicas de Gravura

1.1. Definição e História da Gravura

1.2. Introdução às Artes Gráficas e suas funções.

1.3. Desenho preparatório para Gravura e o transporte para a matriz

1.4. Técnicas gráficas: Estêncil, Monotipia, Pouchoir

Unidade II. Introdução à Gravura em Relevo

2.1. Os diversos suportes utilizados na Gravura em Relevo

2.2. Matriz em Linóleo: Técnicas de Gravação em Linóleo

2.3. Matriz em Madeira: Técnicas de Gravação em Madeira a fio

2.4. Técnicas de Impressão Artesanal. Preto e Branco e Cor. Conceitos de Seriação, Título e Assinatura

3. Mostra de Trabalhos Finais

Bibliografia Básica

AMARAL, ARACY. Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira. 1930-1970. São Paulo: Nobel, 1987.

BRINGHURST, Robert. Elementos do estilo tipográfico. São Paulo: Cosac e Naify, 2005.

COSTA FERREIRA, Orlando. Imagem e Letra. São Paulo: Edusp, 1994

COSTELLA, Antonio. Breve história ilustrada da xilogravura. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003. 75p.

COSTELLA, Antonio. Xilogravura – Manual Prático. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 1987.

FERREIRA, Heloisa Pires; CAMARA, Adamastor; TAVORA, Maria Luisa Luz. Gravura brasileira hoje: depoimentos. Rio de Janeiro: Oficina de Gravura Sesc Tijuca, 1995

HERSKOVITS, Anico. Xilogravura: arte e técnica. Porto Alegre: Tche, 1986.

MAYER, Ralph. Manual do Artista. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MATRIZES do Expressionismo no Brasil: Abramo, Goeldi e Segall. São Paulo: MAM, 2000.

SILVA, Orlando da. A arte maior da gravura. São Paulo: Espade, 1976.

Bibliografia Complementar

GUERRA, Filipe Antônio. Guia Prático de gravura. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

DAWSON, John. Guia Completo de Grabado e Impression: Técnica e Materiales. H. Blume Ediciones, 1982.

LEITE, José Roberto Teixeira. A Gravura Brasileira Contemporânea. Editora Civilização Brasileira, 1966.

CATAFAL, Jordi; OLIVA, Clara. A Gravura. Ed. Estampa, Lisboa, Portugal, 2003.

DESENHO ARTÍSTICO I - 60h

ART006

Ementa

Definições do Desenho. O meio expressivo do Desenho. Análise estrutural da forma. Fundamentos sobre teoria e prática de desenho artístico. Técnicas e materiais básicos para desenho. Proporção; luz e sombra; noções básicas de perspectiva; desenho de figura humana. Práticas e exercícios de aprofundamento.

Conteúdo

1. Definições do Desenho

1.1. Fundamentos teóricos do Desenho: expressão e projeto.

1.2. Técnicas básicas do Desenho (grafite, nanquim, carvão, pastel seco e oleoso)

1.3. Aplicabilidade das técnicas do desenho

2. O meio expressivo

2.1 Definições dos elementos expressivos e análise estrutural da forma

2.2. Desenhos lineares (abstração e figuração):

O croqui linear

Desenho de observação

Desenho de Perspectiva

2.3. Desenho de Claro- Escuro:

Desenho de hachuras

Desenho de Luz e Sombra

2.4. Técnicas e aplicabilidades da cor no Desenho

3. Mostra de Trabalhos Finais

Bibliografia básica:

ARNHEIM, R. Arte e Percepção Visual. Pioneira.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAYER, Ralph. Manual do artista. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. Editora Campus.

PIGNATTI, Terisio. O Desenho de Altamira a Picasso. Editora Abril
ROIG, Gabriel M. Fundamentos do desenho artístico. Aula de desenho. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Bibliografia complementar:

CHING, FRANCIS. Representação Gráfica em Arquitetura. Bookman; 6ª edição (7 junho 2017)

CIVARDI, Giovanni. Drawing light and shade. Search Press LTDA, 2006

DOERNER; Max; The Materials of the Artist and Their Use in Painting; 1921.

EDUARDES, BETTY. Desenhando com o Lado Direito do Cérebro: Um curso para estimular a criatividade e a confiança artística. nVersos editora; 1ª edição, 2021.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMBRICH, E H. Arte e Ilusão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MASSUCATTO, RICARDO. DESENHO ARTÍSTICO - VOLUME I - CONCEITOS E TÉCNICAS AVANÇADAS DE

DESENHO: Desenho integrado a pintura, técnicas avançadas e conceitos entrelaçados. Amazon, 2014

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do Desenho. A Educação do Educador. São Paulo: Loyola.2010.

SODRÉ. Muniz. Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes. RJ: Editora Vozes. 2012.

WIEDEMANN, Julius (ed). Illustration now! 3. Tashen, Köln: 2009

Illustration now! Tashen, Köln: 2008

.Illustration now! 2. Tashen, Köln: 2010

ESCULTURA I - 60h

ART395

Ementa

Fornecer contato teórico e prático com materiais e técnicas de expressão no espaço tridimensional. Desenvolver a compreensão e propiciar o estudo das características formais envolvidas em uma prática escultórica. Prática de ateliê com realização de exercícios envolvendo procedimentos técnicos escultóricos ligados à modelagem, moldagem e talha.

Conteúdo

Elementos formais da expressão tridimensional.

Formas e volumes.

Espaço e tempo.

Materialidades.

Estudos de técnicas e elaboração de trabalhos práticos (*) no espaço tridimensional

Princípios técnicos para modelar

Princípios técnicos para a realização de moldes em gesso
Princípios técnicos para seriação e cópias a partir de moldes: argila, gesso, cimento e cera.

Princípios teóricos de fundição: metais

Princípios teóricos para talhar em pedra e madeira

A arte da Escultura.

Escultura Internacional nos Séculos XIX e XX

Escultura Brasileira no Século XX

(*) A parte prática será determinada de forma progressiva pelos projetos individuais que cada aluno apresentará e desenvolverá durante o semestre.

Bibliografia básica:

ARGAN, Giulio Carlo Argan. Arte Moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

DE POI, Marco Alberto. Como Realizar Esculturas. Barcelona: Editorial De Vecchi, 1997.

KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da Escultura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998

MIDGLEY, Barry (org.). Guia Completa de Escultura, Modelado Cerâmica. Madri: Hermann Blume Ediciones, 1982.

ARGAN, Giulio Carlo Argan. Arte Moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

STANGOS, Nikos (org.). Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

TUCKER, William. A Linguagem da Escultura. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

WITTIKOWER, Rudolf. Escultura. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZANINI, Walte. Tendências da Escultura Moderna. São Paulo: Ed. Cultrix, 1971.

Bibliografia complementar

Em aberto

Eletivas:

CERÂMICA II - 60h

ART050

Ementa

Continuidade das atividades desenvolvidas em Cerâmica I, acrescentadas das técnicas de vitrificação e pigmentação de superfície (abaixo discriminadas) e acabamento das peças em argila. O aluno vai aprender, por intermédio de material teórico (bibliografia recomendada e apostilas) e experimentação prática de construção e acabamento de peças cerâmicas, os processos variados de decoração, coloração e impermeabilização da matéria-prima; os erros técnicos mais frequentes; os diferentes estilos de cerâmica artística, utilitária

e artesanal com princípios de design de produto. Prática para aprimoramento em produção no torno de oleiro.

Conteúdo

As aulas teóricas e práticas serão desenvolvidas simultaneamente, contemplando:

Os esmaltes - composição de esmaltes (grupos alcalinos e grupos compostos por metais); técnicas de aplicação dos esmaltes - imersão, pincel, banho, esponjamento, sgraffito, corda seca, isolamento e máscaras de stencil; pigmentação por combinação de argilas coloridas (engobe); identificação de erros e correção na vitrificação (esmaltação); texturização de superfícies (baixo e alto-relevo, impressão com carimbos artesanais e industriais e uso de objetos ou matéria-prima natural).

Bibliografia Básica

BRASIL; Instituto Nacional de Tecnologia. Curso de cerâmica /. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Tecnologia: Divisão de Educação e Divulgação, [19--];
COSENTINO, Peter. Enciclopedia de tecnicas de ceramica: guia de las tecnicas de ceramica y su utilizacion paso a paso. 2. ed. Barcelona: Acanto, 1993;
MIDGLEY, Barry. Guia completa de escultura, modelado y ceramica: tecnica y materiales. Madri: Hermann Blume, 1982.

Bibliografia Complementar

ARAUJO, Lygia. Cerâmica, cestaria, esmaltação em metal, estamparia, tecelagem manual, mosaico. Rio de Janeiro: Victor, 1968;
BARDI, P. M. Arte da cerâmica no Brasil. São Paulo: Banco Sudameris Brasil, 1980;
CALADO, Rafael Salinas. Portuguesa Faiança: sua evolução até o início do séc. XX. Correios de Portugal, 1992;
CARDOSO, Armando. Manual de ceramica. [s.l.]: Livraria Bertrand, [19--];
CHAVARRIA, Joaquim. A ceramica. Lisboa: Editorial Estampa: 1997;
COOPER, Emmanuel. Ceramica /. 2. ed. Barcelona: Instituto Parramon, 1980;
HUGHES, Therle. Pottery and porcelain figures /. New York: Country Life Books, 1981;
JANNEAU, Guillaume. Les arts du feu. Paris: Presses Universitaires de France, 1948;
MACHADO, Clotilde de Carvalho. O barro na arte popular brasileira. Rio de Janeiro: Lidio Ferreira Junior Artes, 1977;
MCCOLM, Ian J. Dictionary of ceramic science and engineering. 3rd ed. New York: Springer, c2013;
MILANI, Marcelino. Manual do tecnico em ceramica /. Santo André: Editora Tecnica Piping, 1978;
RADA, Pravoslav. Las Tecnicas de la ceramica: el arte y la practica. Madri: Libsa, 1990;
RHODES, Daniel. Arcilla y vidriado el ceramista. Barcelona: CEAC, c1990;
VAN VLACK, Lawrence Hall. Propriedades dos materiais ceramicos /. São Paulo: Ed. da Universidade de Sao Paulo, 1973

CERÂMICA III – 60h

ART017

Ementa

Desenvolvimento de projeto teórico-prático a partir das técnicas apresentadas e desenvolvidas em laboratório-ateliê de cerâmica com a finalidade de explorar, na prática, conhecimentos a respeito da história da cerâmica e da produção de cerâmica artística contemporânea. A disciplina orienta o aluno a vivenciar todo o processo de produção de um objeto ou conjunto de objetos em processos artesanais a partir do planejamento de projeto com revisão bibliográfica, definição do tema, escolha de matérias-primas e técnicas, modelagem de protótipos para teste e execução do produto final em todas as suas fases (preparação da matéria-prima, modelagem, acabamento, secagem, vitrificação e proposta de exposição), considerando as diferentes linguagens como: artes visuais, design de produto, artesanato, interrelações com outras mídias artísticas, entre outros.

Conteúdo

Revisão bibliográfica sobre a história da cerâmica em diferentes culturas, com ênfase nas origens das práticas e seus significados;
Exercícios sobre diferentes técnicas utilizadas na produção de cerâmica manufaturada e com auxílio de equipamentos e ferramentas específicas disponíveis no laboratório-ateliê de cerâmica do IAD-UFJF;
Elaboração de projeto para construção das peças cerâmicas;
Composição de protótipos para teste de proporções, equilíbrio, reação nos processos de secagem, acabamento e queimas;
Realização das peças definitivas;
Elaboração de material teórico (relatórios científicos) para descrição dos processos realizados.

Bibliografia Básica

JANNEAU, Guillaume. Les arts du feu. Paris: Presses Universitaires de France, 1948;
MCCOLM, Ian J. Dictionary of ceramic science and engineering. 3rd ed. New York: Springer, c2013.
MILANI, Marcelino. Manual do técnico em cerâmica /. Santo André: Editora Técnica Piping, 1978.

Bibliografia Complementar

ANTIGAS origens: cerâmica do sudoeste norte-americano 600-1600 d.C. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2008;
BOARDMAN, John. Athenian red figure vases: the archaic period, a handbook. New York: Thames and Hudson, 1983;
BOARDMAN, John. Athenian black figure vases. London: Thames and Hudson, 1980;
BOARDMAN, John. Athenian black figure vases. New York: Oxford University Press, 1974;
CALADO, Rafael Salinas. Portuguesa Faiança: sua evolução até o início do séc. XX. Correios de Portugal, 1992;
CERAMICAS del antiguo Peru de la coleccion Wassermann-San Blas /. Buenos Aires: B. J. Warsserman-San Blas, 1938;
FIGURAS e padrões: a encomenda do azulejo em Portugal do século XVI a atualidade. Curitiba: 2010;

HUGHES, Therle. Pottery and porcelain figures /. New York: Country Life Books, 1981;
JUCKER, Ines; BADOUX, E. Vases grecs. Berne: Payot Lausanne, 1970;
MACHADO, Clotilde de Carvalho. O barro na arte popular brasileira. Rio de Janeiro: Lidio Ferreira Junior Artes, 1977;
MUSEU NACIONAL DE ARTE MODERNA. A Cerâmica tradicional do Japão: obras em estilo tradicional realizadas por artistas modernos. Japão: Fundação Japão, [19--]

PINTURA II – 60h

ART025

Ementa

Técnicas tradicionais e contemporâneas em pintura. Materiais tradicionais e alternativos para pintura. Projeto em pintura.

Conteúdo

- I. Aplicação técnica (aguadas, têmperas, pintura mural etc.)
- II. Pigmentos e tintas alternativas
- III. Projeto individual ou coletivo com técnicas estudadas.
- IV. Mostra (horas de extensão)

Bibliografia Básica

LICHTENSTEIN, Jacqueline [org] A PINTURA, v. 1,5,6, 8,9,10,11. São Paulo: Editora 34, 2004-2007.

Bibliografia Complementar

- BOURRIAUD, Nicolas. Formas de Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
_____. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
BHABHA, Hommi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
BUENO, Maria Lucia Busato. Tintas naturais. Uma alternativa para pintura artística. UFP Editora, 1989.
BUENO, Maria Lucia Busato. Vivências de um fazer pictórico com tintas naturais. UFP Editora, 2005.
BASBAUM, Ricardo. Arte Contemporânea Brasileira. Textura-dicções-ficções-estratégias. ContraCapa, 2001.
DOERNER; Max; The Materials of the Artist and Their Use in Painting; 1921.
DUVE, Thierry de. Fazendo escola (ou refazendo-a?). Chapecó: Argos, 2012.
FISCHER, Ernest, La necesidad del arte. Altaya, Madrid, 1999
EASTLAKE; Sir Charles Lock; Methods and Materials of Painting of the Great Schools and Masters; Dover; 1847.
HERCULANO, José. Materiais populares na educação artística. MG: Coordenação de Cultura do Governo de Minas Gerais, 1983
LAURIE; A.P.; The Painter's Method's and Materials; Dover; 1967.
LICHTENSTEIN, Jacqueline [org] A PINTURA, v. 1,5,6, 8,9,10,11. São Paulo: Editoria 34, 2004-2007.
LOGAN, Jason. Make ink. A forager's guide to natural inkmaking. NY: Abrams, 2018.

PINTURA III – 60h

ART026

Ementa

Prática de projeto em pintura contemporânea. Utilização de meios e técnicas tradicionais e experimentais para realização de projeto pictórico com fins expositivos. Fundamentos curatoriais em pintura contemporânea. Realização de mostra com trabalhos finais.

Conteúdo

Grupo de debate sobre teoria e prática em pintura na atualidade;
Desenvolvimento de projeto em pintura a partir de temas discutidos;
Desenvolvimento de trabalhos a partir de projeto individual ou coletivo aprovado;
Curadoria e montagem de mostra coletiva
Realização de mostra com trabalhos finais.

Bibliografia Básica

FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília [Orgs.]. Escritos de artistas anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006
GOMBRICH, E H. Arte e Ilusão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
BOIS, Yve-Alain. A pintura como modelo. São Paulo. Martins Fontes, 2009

Bibliografia Complementar

BOURRIAUD, Nicolas. Formas de Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
_____. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
BHABHA, Hommi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
BUENO, Maria Lucia Busato. Tintas naturais. Uma alternativa para pintura artística. UFP Editora, 1989.
BUENO, Maria Lucia Busato. Vivências de um fazer pictórico com tintas naturais. UFP Editora, 2005.
BASBAUM, Ricardo. Arte Contemporânea Brasileira. Textura-dicções-ficções-estratégias. ContraCapa, 2001.
DOERNER; Max; The Materials of the Artist and Their Use in Painting; 1921.
DUVE, Thierry de. Fazendo escola (ou refazendo-a?). Chapecó: Argos, 2012.
FISCHER, Ernest, La necesidad del arte. Altaya, Madrid, 1999
EASTLAKE; Sir Charles Lock; Methods and Materials of Painting of the Great Schools and Masters; Dover; 1847.
HERCULANO, José. Materiais populares na educação artística. MG: Coordenação de Cultura do Governo de Minas Gerais, 1983
LAURIE; A.P.; The Painter's Method's and Materials; Dover; 1967.
LICHTENSTEIN, Jacqueline [org] A PINTURA, v. 1,5,6, 8,9,10,11. São Paulo: Editoria 34, 2004-2007.
LOGAN, Jason. Make ink. A forager's guide to natural inkmaking. NY: Abrams, 2018.
MANO, Rubens. Na construção do lugar. In: Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte [29o. 2010: Belo Horizonte, MG]/Bolsa Pampulha 2007-2008. Org.

Fabíola Moulin e Marconi Drummond. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2009.

GRAVURA II - 60h

ART022

Ementa

Estudo dos fundamentos da linguagem da gravura artística, suas principais técnicas e características. Desenvolvimento de trabalhos artísticos através da experimentação de técnicas de gravura em Metal.

Conteúdo

- 1 - A Gravura em Metal: gênese e desenvolvimento
 - 1.1 - A gravura em metal do Renascimento ao século XX.
 - 1.2 - A gravura em metal Moderna e Contemporânea.
- 2 - A Gravura em Metal: processos e técnicas
 - 2.1 - O ateliê de Gravura em Metal: Organização do espaço, mobiliário, tipos de prensa, objetos, produtos químicos, tintas, papéis e ferramentas.
 - 2.2 - Métodos de trabalho, preparação de matrizes, entintagem e reprodução.
 - 2.3 - Processos físicos: Ponta seca, buril, roletes, maneira negra.
 - 2.4 - Processos Químicos: Água forte, Água tinta, verniz duro e verniz mole.
 - 2.5 - Processos mistos, novas técnicas e métodos experimentais.
- 3 - Gravura, mercado e espaços expositivos.
 - 3.1 - Preparação / tiragem / montagem / acabamento / comercialização
 - 3.2 - Gravura e mercado / gravura e público.

Bibliografia Básica

- BUTI, Marco; LETYCIA, Anna (orgs.). Gravura em Metal. São Paulo: Edusp, 2015.
MARTINS, Itajahi. Gravura: Arte e técnica. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.
JORGE, A. M. Técnicas da Gravura Artística. Lisboa: Livros Horizonte, 1996.

Bibliografia Complementar

- FERREIRA; PIRES, Heloisa. Gravura Brasileira hoje. Rio de Janeiro: SESC, 1996.
GUERRA, Filipe Antônio. Guia Prático de gravura. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.
DAWSON, John. Guia Completo de Grabado e Impression: Técnica e Materiales. H. Blume Ediciones, 1982.
LEITE, José Roberto Teixeira. A Gravura Brasileira Contemporânea. Editora Civilização Brasileira, 1966.
CATAFAL, Jordi; OLIVA, Clara. A Gravura. Ed. Estampa, Lisboa, Portugal, 2003.
SILVA, O. A Arte maior da gravura. Ed. Espade, 1976.

GRAVURA III – 60h

ART023

Ementa

Estudo e experimentação de processos de produção e seriação de gravuras artísticas. Desenvolvimento de proposições artísticas visando sínteses expressivas individuais com a linguagem da gravura e técnicas mistas.

Conteúdo

- 1 - A Gravura Contemporânea e seus contextos.
 - 1.1 – O conceito de matriz.
 - 1.2 – O conceito de cópia e seriação.
- 2 - A Gravura por técnicas mistas.
 - 2.1 – Relevo seco
 - 2.2 – Monotípias
 - 2.4 – Fotogravuras
 - 2.5 – Cologravuras.
- 3 - Gravura, mercado e espaços expositivos.
 - 3.1 - Preparação / tiragem / montagem / acabamento / comercialização
 - 3.2 - Gravura e mercado / gravura e público.

Bibliografia Básica

- BUTI, Marco; LETYCIA, Anna (orgs.). Gravura em Metal. São Paulo: Edusp, 2015.
MARTINS, Itajahí. Gravura: Arte e técnica. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.
JORGE, A. M. Técnicas da Gravura Artística. Lisboa: Livros Horizonte, 1996.

Bibliografia Complementar

- FERREIRA; PIRES, Heloisa. Gravura Brasileira hoje. Rio de Janeiro: SESC, 1996.
GUERRA, Filipe Antônio. Guia Prático de gravura. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.
DAWSON, John. Guia Completo de Grabado e Impression: Técnica e Materiales. H. Blume Ediciones, 1982.
LEITE, José Roberto Teixeira. A Gravura Brasileira Contemporânea. Editora Civilização Brasileira, 1966.
CATAFAL, Jordi; OLIVA, Clara. A Gravura. Ed. Estampa, Lisboa, Portugal, 2003.
SILVA, O. A Arte maior da gravura. Ed. Espade, 1976.

ESCULTURA II - 60h

ART082

Ementa

Fornecer conhecimento teórico e prática de ateliê com realização de trabalhos envolvendo procedimentos construtivos e técnicas escultóricas relacionadas a utilização dos seguintes grupos de materiais: madeira, metal, plástico, vidro e tecido.

Conteúdo

1. Princípios de apropriação e deslocamento na experiência escultórica.
2. Princípios construtivos em proposições e técnicas escultóricas.
3. A arte objetual: raízes históricas e desdobramentos no século XX e XXI.
4. Futurismo e Construtivismo: conceitos, procedimentos, técnicas e materiais
5. A escultura contemporânea.
6. Estudos e experimentação de técnicas para trabalhos com objetos.

7. Estudos e experimentação de técnicas construtivas.

Bibliografia Básica

- KRAUSS, Rosalind. Caminhos da Escultura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- READ, Herbert. Escultura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Bibliografia Complementar

- AMARAL, Aracy (org.). Arte Construtiva no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- _____. (org.). Projeto Construtivo Brasileiro na Arte 1950-1962. Rio de Janeiro: MAM, 1977.
- ARGAN, Giulio Carlo Argan. Arte Moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- CAUQUELIN, Anne. Arte Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHIPP, Herchel Browning. Teorias da arte moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar comum: uma filosofia da arte. São Paulo: Cosac & Naify, 2005
- MÈREDIEU, Florence de. Histoire Matérielle et immatérielle de l'art moderne. Paris: Larrousse/Sejer, 2004.
- Qu'est-ce que la sculpture moderne? Textes critiques. Centre Georges Pompidou. Paris: Musée National d'art Moderne, 1986.
- Qu'est-ce que la sculpture aujourd'hui? Paris: Beaus Arts Éditions, 2008

ESCULTURA III – 60h

ART398

Ementa

Fornecer prática de ateliê e reflexão para o desenvolvimento de proposições artísticas escultóricas visando sínteses expressivas individuais e coletivas.

Conteúdo

1. Escultura? Uma atualização do termo.
2. Escultura e o conceito de lugar.
3. Escultura e espaços fenomenológicos.
4. Escultura e espaços antropológicos.
5. Escultura e novas tecnologias
6. Escultura e experimentação.

Bibliografia Básica

- CAUQUELIN, Anne. Arte Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Org.). Escritos de Artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BOURRIAUD, Nicolas. Pós-Produção. Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Bibliografia Complementar

BASBAUM, Ricardo (org.). Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções estratégicas. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
BOURRIAUD, Nicolas. Esthétique Relationnelle. Paris: les presses du réel. 2001.
DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar comum: uma filosofia da arte. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
Qu'est-ce que la sculpture aujourd'hui? Paris: Beaus Arts Éditions, 2008.
SHAPIRO, Gary (1995). Earthwards - Robert Smithson and Art After Babel. Berkeley: University of California Press.
STILLES, Kristine; Peter Seltz. Theories and Documents of Contemporary Art: A Sourcebook of Artists' Writings. San Francisco: University of California Press, 2001.

DESENHO ARTÍSTICO II - 60h

ART007

Ementa

DESENHO DE FIGURA HUMANA E ANIMAIS. Técnicas mistas para desenho. Desenho com cores. Lápis de cor e aquarela.

Conteúdo

- I. Proporções do corpo humano
- II. Desenho de modelo vivo (observação)
- III. Posições estáticas e posições dinâmicas do corpo humano
- IV. Eixos do corpo. Equilíbrio. Corpo em movimento
- V. Noções de biotipologia
- VI. Esboços rápidos e de memória
- VII. Emprego de técnicas e materiais diversos
- VIII. Ideias gerais do desenho de animais.
- IX. Mostra de trabalhos realizados no curso.

Bibliografia Básica

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
MAYER, Ralph. Manual do artista. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
ROIG, Gabriel M. Fundamentos do desenho artístico. Aula de desenho. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Bibliografia Complementar

CHING, FRANCIS. Representação Gráfica em Arquitetura. Bookman; 6ª edição (7 junho 2017)
CIVARDI Giovanni. Drawing light and shade. Search Press LTDA, 2006
DOERNER; Max; The Materials of the Artist and Their Use in Painting; 1921.
EDUARDES, BETTY. Desenhando com o Lado Direito do Cérebro: Um curso para estimular a criatividade e a confiança artística. nVersos Editora; 1ª edição, 2021
FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
GOMBRICH, E H. Arte e Ilusão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
MASSUCATTO, RICARDO. DESENHO ARTÍSTICO - VOLUME I - CONCEITOS E TÉCNICAS AVANÇADAS DE DESENHO: Desenho integrado a pintura, técnicas avançadas e conceitos entrelaçados. Amazon, 2014

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do Desenho. A Educação do Educador. São Paulo: Loyola. 2010.
SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes. RJ: Editora Vozes. 2012.
WIEDEMANN, Julius (ed). Illustration now! 3. Tashen, Köln: 2009
Illustration now! Tashen, Köln: 2008
.Illustration now! 2. Tashen, Köln: 2010

ESTÉTICA E CRÍTICA DAS ARTES - 60h

ART203

Ementa

Estudo da estética e crítica de arte sob uma perspectiva histórica. Fundamentos filosóficos da antiguidade. Humanismo e o surgimento da teoria da arte. Estética e crítica de arte na modernidade. Arte e natureza; arte e ideia; mimesis; poiesis.

Conteúdo

1. A ANTIGUIDADE

Platão: a crítica da imitação

Aristóteles: as regras da arte

2. O HUMANISMO

Alberti: a teoria da arte

Vasari: vida dos pintores

Lomazzo: a representação da Idéia

Bellori: Idéia e natureza

3. O SÉCULO XVIII

O Clássico e o Romântico: Winckelmann (1717-1768)

Lessing: pintura, arte do espaço

4. A MODERNIDADE

Baudelaire e a modernidade

Greemberg e a pureza dos meios

Walter Benjamim: a reprodutibilidade da arte

Merleau-Ponty e a fenomenologia

Bibliografia Básica

ARGAN, Giulio Carlo, FAGIOLLO, Maurizio. Guia de História da Arte. Ed. Estampa, 1994.

BLUNT, Anthony. Teoria artística na Itália 1450-1600. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

JIMENEZ, Marc. O que é estética? Ed.UNISINOS, 1999.

Bibliografia Complementar

ALBERTI, Leon Batista. Da Pintura. (Trad.: Antônio da Silva Mendonça) Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte e crítica de arte. Lisboa: Estampa, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLLO, Maurizio. Guia de História da Arte. Lisboa: Estampa, 1994.

ARISTÓTELES. Arte Poética. (Tradução: Pietro Nasseti). São Paulo: Martin Claret, 2003.

ARISTÓTELES. Retórica das Paixões (Tradução: Isis Borges da Fonseca). São Paulo: 2003. (Clássicos)

BATTCKOCK, Gregory (org.). A nova arte. São Paulo: Perspectiva, 1986.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BLUNT, Anthony. Teoria artística na Itália 1450-1600. (Tradução: João Moura Jr.) São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

CAUQUELIN, Anne. Teorias da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as Artes)

DUVE, Thierry de. A arte depois do mal radical. In: ARS 13. São Paulo: Dep. De Artes Plásticas/ ECA/ USP, 2009. [www: cap.eca.usp.br/ars.html](http://www.cap.eca.usp.br/ars.html)

GREENBERG, Clement. Clement Greenberg e o debate crítico. (organização, apresentação e notas, Glória Ferreira e Cecília Cotrim de Mello; tradução, Maria Luiza Borges) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GUINSBURG, J. (org.) O Classicismo. São Paulo: Perspectiva, 1999.

JIMENEZ, Marc. O que é estética? [Trad.: Fúlvia M. L. Moretto]. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. (Coleção Focus)

KLEIN, Robert. A forma e o inteligível. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1998. (Clássicos; 13)

LACOSTE, Jean. A filosofia da arte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LESSING, G. E. Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia. (Marcio Seligmann-Silva: Introdução/ Intradução: Mimesis, Tradução, Enérgeia e Tradição do ut pictura poesis). São Paulo: Iluminuras, 1998.

LICHTENSTEIN, Jacqueline (org.). A Pintura: textos essenciais (14 volumes). São Paulo: 2004.

LOMAZZO, G. P. Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza. In: PANOFKY, Erwin. Idea: a evolução do conceito de belo. [Tradução Paulo Neves] São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Coleção Tópicos)

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

OSORIO, Luiz Camilo. Razões da Crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PANOFKY, Erwin. Idea: a evolução do conceito de belo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PLATÃO. Fedro. (Tradução Jean Melville). São Paulo: Martin Claret, 2002.

PLATÃO. O Banquete. In: Diálogos. (Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha, 2ª ed.) São Paulo: Abril Cultural, 1979.

VASARI, Giorgio. The Lives of the Artists. (Trad.: Julia Conaway Bondanella e Peter Bondanella) Oxford; New York: Oxford University Press, 1998.
VENTURI, Lionelo. História da crítica de arte. Lisboa: Edições 70, 2007.
WINCKELMANN, Johann Joachim. Reflexões Sobre a Arte Antiga. São Paulo: Movimento, 1975.

II - NÚCLEO DE APROFUNDAMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DE ESTUDOS DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA FORMAÇÃO ESPECÍFICA:

MEDIAÇÃO EM ARTES - 30h

ART460

EMENTA:

O artista/professor/pesquisador atuante enquanto mediador das poéticas visuais e agente na sua produção, fruição, circulação e recepção. Contextualização e discussão acerca das teorias e práticas em mediação cultural. Teorias da visualidade em mediação e leitura de obra. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina “Aplicação orientada de Mediação em Arte”.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. A mediação de arte como mediação de conhecimento.
2. Teorias e contextos da mediação cultural.
3. O papel do mediador em instituições culturais.
4. Artista, público e obra.
5. Educação estética.
6. Contextos da mediação cultural.
7. Materiais e processos educativos mediadores da arte.
8. Mediação na educação formal e não formal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALENCAR, Valéria Peixoto de. O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - UNESP, Instituto de Artes, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação como mediação. In: COUTINHO, Rejane (Coord.). Diálogos e reflexões com educadores. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O amor pela arte: os museus de arte na europa e seu público. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MARTINS, Miriam, PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo. Ed. Arte por escrito/Rizoma Cultural. Content Stuff, 2008.

LOSADA, Terezinha – A Interpretação da Imagem: subsídios para o ensino da arte 2011, p. 51. Editora Mauad (1986).

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane (Org.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009, p.23-52.

CORRÊA, Ayrton Dutra (org.). Ensino das Artes Visuais: mapeando o processo criativo. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

LEITE, Maria Isabel y OSTETTO, Luciana E. (2005): Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte, Campinas, SP: Papirus.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, Ana Mae. Artes Visuais: Da Exposição à Sala de Aula. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Museu, Educação e Cultura. Encontros de crianças e professores com a arte. Campinas: Papirus, 2005.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HERNANDÉZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

criativo. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

LEITE, Maria Isabel y OSTETTO, Luciana E. (2005): Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte, Campinas, SP: Papirus.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE MEDIAÇÃO EM ARTE - 30h

ART461

Prática orientada referente à disciplina teórica "Mediação em Arte". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. São experienciados e produzidos materiais educativos, ações e processos de mediação no campo da educação formal e não-formal.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. A mediação de arte como mediação de conhecimento.
2. Teorias e contextos da mediação cultural.
3. O papel do mediador em instituições culturais.
4. Artista, público e obra.
5. Educação estética.
6. Contextos da mediação cultural.
7. Materiais e processos educativos mediadores da arte.
8. Mediação na educação formal e não formal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALENCAR, Valéria Peixoto de. O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - UNESP, Instituto de Artes, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação como mediação. In: COUTINHO, Rejane (Coord.). Diálogos e reflexões com educadores. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O amor pela arte: os museus de arte na europa e seu público. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MARTINS, Miriam, PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo. Ed. Arte por escrito/Rizoma Cultural. Content Stuff, 2008.

LOSADA, Terezinha – A Interpretação da Imagem: subsídios para o ensino da arte 2011, p. 51. Editora Mauad 1986).

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane (Org.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009, p.23-52.

CORRÊA, Ayrton Dutra (org.). Ensino das Artes Visuais: mapeando o processo criativo. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008. LEITE, Maria Isabel y OSTETTO, Luciana E. (2005): Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte, Campinas, SP: Papirus.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, Ana Mae. Artes Visuais: Da Exposição à Sala de Aula. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Museu, Educação e Cultura. Encontros de crianças e professores com a arte. Campinas: Papirus, 2005.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HERNANDÉZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO - 30h

ART462

Ementa: Esta oficina tem por objetivo conhecer diferentes métodos para leitura e análise de imagens dos mais diversos repertórios (artístico, midiático, publicitário, jornalístico, educacional, científico etc.) de modo a fornecer ao discente instrumentos para construção de seus próprios métodos para análise e concepção crítica de imagens, materiais multimodais e narrativas figuradas em diferentes técnicas e suportes. Para Licenciandos/as em Artes Visuais, esta disciplina deve ser cursada obrigatoriamente junto com a disciplina Prática orientada de Leitura e Produção de Imagens para Educação.

Conteúdo

Conceitos de Semiótica e Tradução Intersemiótica, Semiologia, Iconologia e Teoria da Comunicação. Técnicas de produção de ilustrações, tratamento de imagens e diagramação. Projeto de concepção de imagens, material multimodal (vídeos, infográficos etc.) ou narrativas figuradas (histórias em quadrinhos, textos ilustrados etc.) para finalidade específica (pedagógica, científica, poética etc.), a critério do/a discente.

PRÁTICA ORIENTADA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS PARA EDUCAÇÃO

ART463

Prática orientada para o desenvolvimento de imagens fazendo uso dos conhecimentos adquiridos na disciplina teórica ART462, que é correquisito para esta.

ARTE-EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS - 30h

ART464

Ementa:

Compreensão das linguagens das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O impacto das TICs na Educação. Exploração do uso de meios de comunicação para a Arte-Educação. Projeto do uso de TICs em sala de aula. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Novas Tecnologias na Arte-Educação, a ser criada.

Conteúdo

1. O que são as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)
2. Linguagem e construção de significados nas TICs
3. As TICs em sala de aula: seus potenciais e possíveis propostas
4. O uso de TICs para a Arte-Educação
5. Desenvolvimento de projetos de Arte-Educação com TICs

Bibliografia básica:

JOHNSON, Steven. Surpreendente!: a televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: 34, 3a. ed, 2010.

MURRAY, Janet H. Hamlet no holodeck. São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2a. ed., 2007.

Bibliografia complementar:

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. Remediation: understanding new media. Cambridge: The MIT Press, 2000.

GEE, James Paul. What Video Games Have to Teach Us about Learning and Literacy. London: Palgrave Macmillan, 2007.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

JOHNSON, Steven. Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE NOVAS TECNOLOGIAS NA ARTE-EDUCAÇÃO

ART465

EMENTA:

Esta prática associada visa orientar os/as discentes na aplicação pedagógica das questões desenvolvidas na disciplina Arte-Educação e Novas Tecnologias.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. O que são as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)
2. Linguagem e construção de significados nas TICs
3. As TICs em sala de aula: seus potenciais e possíveis propostas
4. O uso de TICs para a Arte-Educação
5. Desenvolvimento de projetos de Arte-Educação com TICs

Bibliografia básica:

JOHNSON, Steven. Surpreendente!: a televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: 34, 3a. ed, 2010.
MURRAY, Janet H. Hamlet no holodeck. São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.
SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2a. ed., 2007.

Bibliografia complementar:

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. Remediation: understanding new media. Cambridge: The MIT Press, 2000.
GEE, James Paul. What Video Games Have to Teach Us about Learning and Literacy. London: Palgrave Macmillan, 2007.
IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
JOHNSON, Steven. Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO - 30h

ART467

EMENTA:

Princípios norteadores para práticas de arte-educação na perspectiva das poéticas visuais. Desse modo, dá-se ênfase para o fazer artístico e suas metodologias de ensino, fruição estética e poética. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "Prática orientada de Poéticas visuais na arte-educação".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Poéticas visuais na arte-educação contemporânea.
2. Linguagens no ensino da arte.
3. Artistas e poéticas criativas voltadas para produção de obras de arte de natureza coletiva.
4. Espaços de criação e fruição artística contemporâneos.
5. O artista-professor-pesquisador.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. Edith Derdyk (organizadora). São Paulo (SP). Ed. SENAC, 2007. 311 p.. In: Anais/III Fórum estadual O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público.
FREIRE, Cristina. Poéticas do processo: a arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminaras,/MAC-SP, 1999.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997
MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.
OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
CANTON, Kátia. Mesa do artista. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 838 p.

OSTROWE R, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.

GENET, Jean. O atelie de Giacometti. Sao Paulo: Cosac & Naify, 2001.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

APLICAÇÃO ORIENTADA POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO - 60h

ART466

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Poéticas Visuais na Arte-educação". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nesta disciplina, o aluno poderá colocar em prática suas pesquisas no campo das poéticas visuais que envolvem procedimentos específicos das práticas docentes que investigar.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Prática orientada.

Estudo de processos poéticos na arte-educação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. Edith Derdyk (organizadora). São Paulo (SP). Ed. SENAC, 2007. 311 p.. In: Anais/III Fórum estadual O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público.

FREIRE, Cristina. Poéticas do processo: a arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminiras,/MAC-SP 1999.

DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997

MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.

OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

CANTON, Kátia. Mesa do artista. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 838 p.

OSTROWE R, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GENET, Jean. O atelie de Giacometti. Sao Paulo: Cosac & Naify, 2001.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS I - 60h

ART468

EMENTA:

Iniciação do processo de produção do Trabalho de conclusão de curso que na Licenciatura constitui-se em Trabalho de Formação Docente (TFD). Desenvolvimento da proposta inicial do projeto e metodologia própria, de acordo com a particularidade de cada processo em arte e educação. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "PRÁTICA ORIENTADA DE TFD I".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Desenvolvimento de projeto de TFD. Metodologias de pesquisa em/sobre arte. Artografia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1999.

DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997

MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: 140.

STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte – um paralelo entre arte e ciência. Campinas :

Autores Associados, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.

GENET, Jean. O atelié de Giacometti. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

PRÁTICA ORIENTADA DE TFD I - 30h

ART469

Prática orientada referente à disciplina teórica "TFD I". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Serão trabalhados conteúdos do projeto de TFD em seus aspectos práticos e processuais. Pode-se também aplicar os projetos desenvolvidos em diferentes espaços educativos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Metodologias de pesquisa em/sobre arte.
2. Artografia.
3. Apresentação do projetos individuais.
4. Pré-banca de TCC.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.
FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1999.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997
MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187
REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: 140.
STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.
ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte – um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.
GENET, Jean. O atelie de Giacometti. Sao Paulo: Cosac & Naify, 2001.
HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.
SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II - 60h

ART470

EMENTA:

Finalização do processo de produção do Trabalho de Formação Docente, que corresponde ao Trabalho de conclusão de curso. Apresentação final de TFD. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "PRÁTICA ORIENTADA DE TFD II".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Acompanhamento do projeto e defesa final de TFD.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.
FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1999.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo: Unesp, 1997
MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187
REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: 140.
STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.
ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte – um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.
GENET, Jean. O atelié de Giacometti. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.
SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

Prática orientada referente à disciplina teórica "TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nestas práticas o estudante poderá preparar e finalizar o seu projeto que será apresentado para integralização do curso em banca a ser realizada ao final do período, conforme orientação docente.

PRÁTICA ORIENTADA DE TFD II - 30h

ART471

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nestas práticas o estudante poderá preparar e finalizar o seu projeto que será apresentado para integralização do curso em banca a ser realizada ao final do período, conforme orientação docente.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Prática orientada.
Finalização do TFD.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.
FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1999.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo: Unesp, 1997
MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187
REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: 140.
STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.
ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte – um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.
GENET, Jean. O atelié de Giacometti. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.
SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

Eletivas

OFICINA DE JOGOS ANALÓGICOS - 30h

ART487

Ementa:

Esta oficina tem por objetivo experimentar diferentes tipos de jogos analógicos de modo que o/a licenciando/a se familiarize com repertórios lúdicos comuns entre estudantes do ensino básico e possa, a partir dessas experiências, idealizar jogos analógicos com finalidade pedagógica. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Jogos Analógicos ART486.

Conteúdo Programático:

Conceitos de Estudos sobre Jogos (Game Studies), Narratividade e Aprendizagem por Jogos (Game-Based Learning); experiência com diferentes tipos de jogos narrativos e narrativas lúdicas; projeto de concepção de um jogo narrativo ou narrativa lúdica com finalidade pedagógica.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE OFICINA DE JOGOS ANALÓGICOS - 30h

ART468

EMENTA DA DISCIPLINA:

Esta disciplina diz respeito ao número de horas práticas cumpridas pelo/a discente em espaço educacional externo à Universidade. Estas horas serão computadas por meio de lista de presença preenchida no local de atuação. A avaliação será dada na disciplina Oficina de Análise e Produção de Jogos Narrativos pela apresentação dos trabalhos realizados durante a prática.

PROGRAMA DA DISCIPLINA:

Aplicação prática de jogos e atividades lúdicas elaborados pelo/a discente na disciplina Oficina de Análise e Produção de Jogos Narrativos. Disciplina de horário livre, de acordo com os espaços educacionais onde o/a discente atuará.

OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO - 30h

ART484

Ementa:

A oficina tem por objetivo mobilizar os diversos conteúdos teóricos formativos na idealização de material didático pelo/a licenciando/a partir de escolha de temas transversais, a saber: questões de gênero, étnico-raciais, ambientais, éticas e quaisquer outras que se julgue pertinentes e/ou que sejam trazidas pelos licenciandos a partir de suas práticas educacionais (inclusão, cidadania, violência etc), premissas pedagógicas, linguagens e materiais de seu interesse e da observação do seu ambiente de prática docente no decorrer do curso.

Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Material Didático – ART481.

Conteúdo

- Delimitação de questões de interesse dos estudantes (para licenciandos em Artes, apresentadas no pré-projeto de TCC) envolvendo uma prática docente em curso (programa de iniciação à docência, projeto de extensão universitária, estágio e/ou observação em escola, museu, ateliê, galeria etc).
- Levantamento de questões poéticas e estéticas contemporâneas
- Estabelecimento de relações entre as questões individuais dos licenciandos e as questões poético-estéticas apresentadas, gerando conceitos próprios
- Concepções iniciais de objetos estéticos que sintetizem os conceitos gerados
- Aplicações didáticas experimentais dos objetos confeccionados em espaço escolhido para prática docente curricular.

Bibliografia básica:

BROSSEAU, Guy. Introdução ao estudo das situações didáticas. São Paulo: Editora Ática, 2008.

COUTO, Rita Maria de Souza & Jefferson, Alfredo O. (org). Formas do Design - por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB & PUC-Rio, 1999.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Editora Érica, 2011.

Bibliografia complementar:

CANDAU, Vera. (org) A didática em questão. Petrópolis: Editora Vozes, (1983) 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO - 60h

ART481

Ementa: Aplicação, produção e experimentação prática dos projetos realizados na disciplina Oficina de Material Didático ART 484. Os projetos poderão ser desenvolvidos em diferentes espaços educacionais.

Conteúdo

- Delimitação de questões de interesse dos estudantes (para licenciandos em Artes, apresentadas no pré-projeto de TCC) envolvendo uma prática docente em curso (programa de iniciação à docência, projeto de extensão universitária, estágio e/ou observação em escola, museu, ateliê, galeria etc).
- Levantamento de questões poéticas e estéticas contemporâneas
- Estabelecimento de relações entre as questões individuais dos licenciandos e as questões poético-estéticas apresentadas, gerando conceitos próprios
- Concepções iniciais de objetos estéticos que sintetizem os conceitos gerados
- Aplicações didáticas experimentais dos objetos confeccionados em espaço escolhido para prática docente curricular.

Bibliografia básica:

BROSSEAU, Guy. Introdução ao estudo das situações didáticas. São Paulo: Editora Ática, 2008.

COUTO, Rita Maria de Souza & Jefferson, Alfredo O. (org). Formas do Design - por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB & PUC-Rio, 1999.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Editora Érica, 2011.

Bibliografia complementar:

CANDAU, Vera. (org) A didática em questão. Petrópolis: Editora Vozes, (1983) 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO FASE BETA - 30h

ART485

Ementa: A oficina tem por objetivo orientar a materialização de um protótipo funcional de material didático idealizado previamente pelo/a licenciando/a. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente

cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Material Didático Fase Beta.

Conteúdo

- Levantamento de pesquisas atuais sobre temas transversais relevantes.
- Recontextualização, dentro de um ou mais temas transversais, dos conceitos dos objetos confeccionados pelos licenciandos bem como das suas práticas pedagógicas
- Reconfigurações e rematerialização dos objetos
- Aplicações didáticas transversais dos objetos em espaço escolhido para prática docente e/ou estágio curricular.

Bibliografia básica:

COELHO, Luiz Antônio L.; FARBIARZ, Jacqueline Lima; FARBIARZ, Alexandre (org.). Os lugares do design na leitura. Rio de Janeiro: Editora Novas Idéias, 2008.
PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.
NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Editora Érica, 2011.

Bibliografia complementar:

FARBIARZ, Jacqueline Lima; FARBIARZ, Alexandre (org.). EaD Online: suportes e leituras. Rio de Janeiro: Rio Books, 2011.
PADILHA, H. Mestre maestro - a sala de aula como orquestra. Rio de Janeiro: Linha Mestra, 2003.
SILVA, Marcos. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2002, 3a. ed.

PRÁTICA ORIENTADA DE OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO FASE BETA - 60h

ART375

Ementa: Experimentação e finalização dos projetos desenvolvidos na disciplina Oficina de material didático fase beta. Esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com disciplina Oficina de Material Didático Fase Beta – ART485.

Conteúdo

- Levantamento de pesquisas atuais sobre temas transversais relevantes.
- Recontextualização, dentro de um ou mais temas transversais, dos conceitos dos objetos confeccionados pelos licenciandos bem como das suas práticas pedagógicas
- Reconfigurações e rematerialização dos objetos
- Aplicações didáticas transversais dos objetos em espaço escolhido para prática docente e/ou estágio curricular.

Bibliografia básica:

COELHO, Luiz Antônio L.; FARBIARZ, Jacqueline Lima; FARBIARZ, Alexandre (org.). Os lugares do design na leitura. Rio de Janeiro: Editora Novas Idéias, 2008.
PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Editora Érica, 2011.

Bibliografia complementar:

FARBIARZ, Jacqueline Lima; FARBIARZ, Alexandre (org.). EaD Online: suportes e leituras. Rio de Janeiro: Rio Books, 2011.

PADILHA, H. Mestre maestro - a sala de aula como orquestra. Rio de Janeiro: Linha Mestra, 2003.

SILVA, Marcos. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2002, 3a. ed.

LABORATÓRIO DE ARTE: LINGUAGENS ARTÍSTICAS E METODOLOGIAS DE ENSINO - 30h

ART473

EMENTA:

Prática de laboratório de arte voltado à experimentação das linguagens artísticas na perspectiva do ensino das mesmas e suas possíveis metodologias, visando tanto a educação formal como a não-formal. O ateliê/laboratório com espaço de ensino.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Prática de ensino de desenho
2. Prática de ensino de escultura
3. Prática de ensino de gravura.
4. Prática de ensino de pintura.
5. Prática de ensino de gravura.
6. Prática de ensino em linguagens contemporâneas e tecnológicas.
7. O ateliê como espaço de ensino.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DOMINGUES, D. (org.) A arte no Século XXI. A Humanização das tecnologias. UNESP, 1997

PARRAMON, Materiais e Técnicas: Guia completo. Editora WMF MARTINS FONTES, 2013.

PIYASENA, SAM. PINTE! Editora: GG BRASIL. São Paulo, 2015

ROIG, MARTÍN GABRIEL. Fundamentos do desenho artístico. Editora WMF MARTINS FONTES, 2015.

SILVA, O. A Arte maior da gravura. Ed. Espade, 1976

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. Tradução Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 838 p.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002.

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Designio. Edith Derdyk (organizadora). São Paulo (SP). Ed. SENAC, 2007. 311 p.

_____. Formas de pensar o desenho. São Paulo – SP, ed. Scipione, 1994.

MIDGLEY, Barry. Guia Completo de Escultura, Modelado y Cerâmica. Técnicas e Materiais. Barcelona: Herman Blume, 1982.

PRÁTICA ORIENTADA EM LABORATÓRIO DE ARTE: LINGUAGENS ARTÍSTICAS E METODOLOGIAS DE ENSINO - 60h

ART475

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Laboratório de Arte: Linguagens Artísticas e Metodologias de Ensino". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nesta disciplina, o estudante poderá realizar um processo de investigação das linguagens artísticas e possibilidades de ensino na educação formal e não formal, a partir da realização de oficinas artísticas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Prática orientada
Prática de ateliê e oficinas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DOMINGUES, D. (org.) A arte no Século XXI. A Humanização das tecnologias. UNESP, 1997

PARRAMON, Materiais e Técnicas: Guia completo. Editora WMF MARTINS FONTES, 2013.

PIYASENA, SAM. PINTE! Editora: GG BRASIL. São Paulo, 2015

ROIG, MARTÍN GABRIEL. Fundamentos do desenho artístico. Editora WMF MARTINS FONTES, 2015.

SILVA, O. A Arte maior da gravura. Ed. Espade, 1976

MIDGLEY, Barry. Guia Completo de Escultura, Modelado y Cerâmica. Técnicas e Materiais. Barcelona: Herman Blume, 1982.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. Tradução Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 838 p. OSTROWE R, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002.

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Designio. Edith Derdyk (organizadora). São Paulo (SP). Ed. SENAC, 2007. 311 p.

_____. Formas de pensar o desenho. São Paulo – SP, ed. Scipione, 1994.

LÚDICO NA ARTE-EDUCAÇÃO - 30h

ART482

Ementa:

Compreensão do lúdico como forma de expressão artístico-cultural. Estudo da presença da lúdico na história da humanidade. As proposições estéticas e de linguagem do lúdico. As relações entre lúdico e educação. Exploração de formatos lúdicos para a Arte-Educação. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Lúdico na Arte-Educação, a ser criada.

Conteúdo

1. História dos Estudos do lúdico
2. Lúdico, sua linguagem e suas expressões estéticas
3. Lúdico e educação
4. O lúdico na Arte-Educação
5. Formatos lúdicos para a Arte-Educação

Bibliografia básica:

- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. São Paulo: Annablume, 2011.
- HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 5a. ed., 2001.
- JOHNSON, Steven. Surpreendente!: a televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- MURRAY, Janet H. Hamlet no holodeck. São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.

Bibliografia complementar:

- ÁVILA, Affonso. O lúdico e as projeções do mundo barroco 1: uma linguagem a dos cortes, uma consciência a dos lucos. São Paulo: Perspectiva, 3a. ed., 1994.
- BROUGÈRE, Gilles. Jogo e educação. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- CHATEAU, Jean. O jogo e a criança. São Paulo: Summus, 2a. ed., 1987.
- GEE, James Paul. What Video Games Have to Teach Us about Learning and Literacy. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem. São Paulo: Iluminuras, 4a. ed. 2002.

Aplicação Orientada de Lúdico na Arte-Educação - 60h

ART483

Ementa:

Esta prática associada visa orientar os/as discentes na aplicação pedagógica das questões apresentadas na disciplina Lúdico na Arte-Educação.

Conteúdo Programático:

1. História dos Estudos do lúdico
2. Lúdico, sua linguagem e suas expressões estéticas
3. Lúdico e educação
4. O lúdico na Arte-Educação
5. Formatos lúdicos para a Arte-Educação

Bibliografia básica:

- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. São Paulo: Annablume, 2011.
- HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 5a. ed., 2001.
- JOHNSON, Steven. Surpreendente!: a televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
MURRAY, Janet H. Hamlet no holodeck. São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.

Bibliografia complementar:

ÁVILA, Affonso. O lúdico e as projeções do mundo barroco 1: uma linguagem a dos cortes, uma consciência a dos lucas. São Paulo: Perspectiva, 3a. ed., 1994.
BROUGÈRE, Gilles. Jogo e educação. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
CHATEAU, Jean. O jogo e a criança. São Paulo: Summus, 2a. ed., 1987.
GEE, James Paul. What Video Games Have to Teach Us about Learning and Literacy. London: Palgrave Macmillan, 2007.
SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem. São Paulo: Iluminuras, 4a. ed. 2002.

OFICINA DE JOGOS ANALÓGICOS FASE BETA - 30h

ART490

Ementa: Esta oficina tem por objetivo confeccionar um protótipo funcional de jogo analógico com finalidade pedagógica, idealizado previamente. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Jogos Analógicos Fase Beta.

NARRATIVAS VISUAIS E CONCEPT ART - 30h

ART489

Ementa: Esta oficina visa construir narrativas por meio da imagem e sua associação com outras linguagens, utilizando-se diferentes técnicas e estilos e partindo da definição de um conceito ou tema que atravessasse toda uma produção e/ou conjunto de mídias narrativas analógicas e/ou digitais (filme, quadrinhos, séries, jogos etc). Para alunos de Licenciatura, a disciplina deve ser cursada junto com a prática associada Aplicação orientada de Narrativas Visuais e Concept Art.

Conteúdo

Conceituação de tema e objetivos da narrativa visual

Levantamento de referências e pesquisa de similares

Elaboração de elementos narrativos (personagens, cenários, eventos) e suas interfaces (identidade visual, iconografia e outras linguagens)

Escolha de materiais

Elaboração de protótipo funcional

Teste e Avaliação

Relatório de resultados e conclusões

Bibliografia básica:

HALL, Andrew. Fundamentos essenciais da ilustração. Trad. Marcos Capano. São Paulo: Edições Rosari, 2011.

MEGGS, Phillip B. História do Design Gráfico. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, pp 93-122.

Bibliografia complementar:
Narrativas visuais diversas

EDITORAÇÃO PARA ARTES - 30h

ART478

Ementa: Experimentações gráficas em suportes impressos e digitais para elaboração de livros, livros de artista, material didático, portfólios, catálogos, panfletos, cartazes, incluindo expressões populares e contemporâneas como lambes, cordéis, grafitti, pop ups etc. Deve ser cursada junto com a prática associada Prática em Editoração para Artes.

Conteúdo

Conceituação de tema e objetivos do suporte
Levantamento de referências e pesquisa de similares
Elaboração de identidade visual, iconografia e outras linguagens
Exercícios de diagramação e organização das linguagens em manchas gráficas
Elaboração de protótipo funcional
Teste e Avaliação
Relatório de resultados e conclusões

Bibliografia Básica

MEGGS, Phillip B. História do Design Gráfico. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
COLLARO, Antonio Celso. Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação. 4. ed. São Paulo: Summus, c2006. 181p.
WILLIAMS, Robin; AGUIAR, Silvío. Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual. 2. ed. São Paulo: Callis, 2006.

Bibliografia Complementar
Suportes impressos diversos

ENSINO DE HISTÓRIA DA ARTE E CRÍTICA - 30h

ART474

EMENTA:

Investigação de processos, metodologias e conceitos basilares que envolvem o ensino de História da arte e crítica, tanto em contextos de educação formal como na educação não-formal. Investigação de metodologias de ensino que contemplem a diversidade de produções e expressões culturais. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "Prática orientada de Ensino de história da arte e crítica".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Modelos hegemônicos de uma história da arte dita "universal".
2. A invenção da História da arte.
3. A crítica de arte na formação de sujeitos agentes.

4. Metodologias de ensino na educação formal e não-formal.
5. Autores e autoras que apresentam modelos de estudo da arte não-hegemônicos.
6. Concepções pedagógicas contra-hegemônicas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ARNOLD, Dana. Introdução a História da Arte - Série Essencial. 2008.
- BAZIN, Germain. História da história da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- ALVES, A. R. C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova, São Paulo, 80: 71-96, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>.
- HOOKS, Bell; Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- NAVES, Rodrigo. A forma difícil: ensaios sobre e a arte brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996. New York, Museum of Modern Art, 1999.
- SILVA, Dilma de Melo; CALAÇA, Maria Cecília Felix. Arte afro-brasileira. São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- SIMIONI, A. P. C. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/anasimioni.html>>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea. Uma introdução. 1ª edição. Editora Martins. 2005.
- HAUSER, A. A História social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismo e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.
- THOMPSON, Robert Farris. Flash of the spirit: Arte e filosofia Africana e afro-americana.

PRÁTICA ORIENTADA DE ENSINO DE HISTÓRIA DA ARTE E CRÍTICA - 60h

ART472

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Ensino de História da Arte e Crítica". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nesta disciplina o estudante poderá pensar e aplicar estratégias de ensino de história da arte e crítica que trabalhem na perspectiva das identidades e da diversidade, lançando mão de autores e autoras, bem como metodologias, que não reproduzam discursos hegemônicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Prática orientada.

Experimentação de metodologias e modelos de ensino de história da arte e crítica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARNOLD, Dana. Introdução a História da Arte - Série Essencial. 2008.

BAZIN, Germain. História da história da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

ALVES, A. R. C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova, São Paulo, 80: 71-96, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>.

HOOKS, Bell; Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NAVES, Rodrigo. A forma difícil: ensaios sobre e a arte brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996. New York, Museum of Modern Art, 1999.

SILVA, Dilma de Melo; CALAÇA, Maria Cecília Felix. Arte afro-brasileira. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SIMIONI, A. P. C. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/anasimioni.html>>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea. Uma introdução. 1ª edição. Editora Martins. 2005.

HAUSER, A. A História social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.

THOMPSON, Robert Farris. Flash of the spirit: Arte e filosofia Africana e afro-americana.

MUSEOLOGIA - 30h

ART476

EMENTA:

Definições de museu. Historiografia dos museus modernos e contemporâneos. Aspectos da criação de diferentes tipos de museus e suas tipologias. Museu como espaço educativo. Patrimônio e conservação. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "Prática orientada de Museologia".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. História dos museus
2. Tipos de museu.
3. Introdução à conservação e restauro.
4. Introdução ao conceito de patrimônio.
5. Educação em museu.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público. Paris, Minuit, 1966 de Museus – RS Santa Maria: UFSM, 1992:17-25.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). O Icom-Brasil e o pensamento Museológico brasileiro: documentos selecionados (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

CERAVOLO, S. M. Delineamentos para uma teoria da Museologia. In: Anais do Museu Paulista, v.12, 2004:237-268.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2002.

FERNANDES, Maria Luiza Pacheco (trad.). Educação em Museus / Museums and Galleries Commission; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001. – (Série Museologia, 3). Disponível em http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro3.pdf Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

MENESES, Ulpiano B. Identidade cultural e museus: uma relação problemática. In: Anais/III Fórum estadual O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CÓDIGO de Ética do Profissional Museólogo. Documento em versão virtual, disponível em:
<http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/eticacofem.htm>

CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS – ICOM
<http://www.icom.org.br/codigoeticaCOM2006.pdf> CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS (American Association of Museums)
<http://www.aamus.org/museumresources/ethics/coe.cfm>

CHAGAS, Mário. A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE MUSEOLOGIA - 60h

ART477

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Museologia". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nesta disciplina prática o discente poderá exercitar processos de mediação em museus, seja como educador ou produtor de materiais próprios de mediação específicos da museologia. A disciplina deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à "Museologia".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Aplicação Orientada.

Projeto de mediação em museu.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público. Paris, Minuit, 1966 de Museus – RS Santa Maria: UFSM, 1992:17-25.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). O Icom-Brasil e o pensamento Museológico brasileiro: documentos selecionados (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

CERAVOLO, S. M. Delineamentos para uma teoria da Museologia. In: Anais do Museu Paulista, v.12, 2004:237-268.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2002.

FERNANDES, Maria Luiza Pacheco (trad.). Educação em Museus / Museums and Galleries Commission; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001. – (Série Museologia, 3). Disponível em http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro3.pdf

Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

MENESES, Ulpiano B. Identidade cultural e museus: uma relação problemática. In: Anais/III Fórum estadual O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CÓDIGO de Ética do Profissional Museólogo. Documento em versão virtual, disponível em:

<http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/eticacofem.htm>

CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS – ICOM
<http://www.icom.org.br/codigoeticaCOM2006.pdf> CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS (American Association of Museums)

<http://www.aamus.org/museumresources/ethics/coe.cfm>

CHAGAS, Mário. A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

ANÁLISE E CRÍTICA DE DANÇA - 60h

ART614

EMENTA:

Esse curso é um aprofundamento na experimentação teórico-prática dos estudos da Análise e Crítica de Dança a partir da relação entre os saberes teóricos e as manifestações empíricas, que atravessam os elementos constituintes dos processos de apreciação, sensibilização, percepção, análise e crítica da obra artística na dança.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

UNIDADE I: Processos de afetação e Escrita Criativa

- Vulnerabilidade de si e atravessamento da obra;
- Escutar com a pele e observar os processos da percepção;
- Escrita Criativa.

UNIDADE II: Elementos de Análise

- O que aconteceu?
- O que foi comunicado? Quais os efeitos que a dança produziu?
- Quais são os valores atrelados à obra?
- De onde estética-historicamente a obra se localiza?

UNIDADE III: Criticar a Análise Crítica

- Escolha da obra artística;
- Produção textual analítica;
- Apresentação Coletiva;
- Crítica da Análise Crítica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARRAIS, Joubert de Albuquerque. Decifra-me ou te devoro?: uma reflexão teórica sobre o exercício da crítica de dança (de agora) (contemporânea). IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas: Anais ABRACE, Campinas, v. 8, n. 1, p. 1-3, 2007.

CERBINO, Beatriz. Jaques Corseuil e a Crítica de Dança no Brasil. O Percevejo: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-14, jan./jul. 2011.

ROCHELLE, Henrique. Além da Opinião: três possíveis definições da crítica de dança. Sala Preta. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 84-96, 2016.

VASCONCELOS, Everaldo. Na ponta dos dedos: escrevendo crítica de dança. Cadernos do Gipe-Cit: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e teatralidade. Irregular. Escola de Teatro/Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. UFBA/PPGAC. Salvador- BA, n. 18, p. 14-17, abr. 2008.

INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO SOMÁTICA E DANÇA - 30h

ART610

EMENTA:

Introdução ao pensamento somático desenvolvido a partir de reflexões históricas das representações de conceitos e nomenclaturas sob uma perspectiva teórico-prática do movimento somático, das técnicas de educação somática e de suas aplicações metodológicas nos processos de ensino-aprendizagem da dança, bem como no preparo corporal do dançarino e no processo criativo em dança. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "Aplicação Orientada de Introdução à Educação Somática e Dança".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

UNIDADE I: Corpo e Soma

- Constituição epistemológica do conceito de corpo e de Soma;

- Movimentos em 1ª e 3ª pessoa;
- Amnésia Sensório-Motora;
- Consciências e Percepção;
- Corpo Intensivo.

UNIDADE II: Caminhos Históricos de um Campo de Conhecimento Emergente

- Percurso histórico do campo somático;
- Pioneiros/Reformadores do Movimento;
- Movimento Somático enquanto resistência e Produção de novas formas de vida.

UNIDADE III: Conexões entre Dança e Educação Somática

- Abordagens Pedagógicas;
- Auxílio à melhoria da técnica;
- Terapias Somáticas;
- Profilaxia das Práticas Somáticas;
- Criação com Dança Somática.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. O corpo tem suas razões: Antiginástica e consciência de si. Trad.: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: ed.: Martins Fontes, 1977.

BOLSANELLO, Débora. De volta para casa: educação somática e de dependência química. In: Revista Motriz, Rio Claro. v.12, n.3, p. 239-247, set./dez. 2006.

FELDENKRAIS, Moshe. Consciência pelo movimento. São Paulo: Summus, 1997.

FORTIN, Sylvie. Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança. In: Cadernos do GIPE-CIT - Estudos do Corpo. n.2, Salvador: UFBA, fev. 1999.

_____. Percebendo diferenças no ensino e na aprendizagem de Técnicas de dança contemporânea. In: Movimento. V.11, n.2, p. 9-29. Porto Alegre, 2005.

GELB, Michael. O Aprendizado do Corpo: introdução à técnica de Alexander. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LABAN, Rudolf Von. O Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf Von. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990.

MILLER, Jussara. Qual é o Corpo que dança?: dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus Editorial, 2012. 173 p.

STRAZZACAPPA, Márcia. Educação Somática e Artes Cênicas: princípios e aplicações. Campinas, Sp: Papirus, 2012. 176 p.

VIANNA, Klauss. A Dança. São Paulo: Summus, 2005. 154 p.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO SOMÁTICA E DANÇA - 60h

ART611

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Introdução à Educação Somática e Dança". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. É experienciado o preparo corporal do dançarino e o processo criativo em dança.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

UNIDADE I: Corpo e Soma

- Constituição epistemológica do conceito de corpo e de Soma;
- Movimentos em 1ª e 3ª pessoa;
- Amnésia Sensório-Motora;
- Consciências e Percepção;
- Corpo Intensivo.

UNIDADE II: Caminhos Históricos de um Campo de Conhecimento Emergente

- Percurso histórico do campo somático;
- Pioneiros/Reformadores do Movimento;
- Movimento Somático enquanto resistência e Produção de novas formas de vida.

UNIDADE III: Conexões entre Dança e Educação Somática

- Abordagens Pedagógicas;
- Auxílio à melhoria da técnica;
- Terapias Somáticas;
- Profilaxia das Práticas Somáticas;
- Criação com Dança Somática.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. O corpo tem suas razões: Antiginástica e consciência de si. Trad.: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: ed.: Martins Fontes, 1977.

BOLSANELLO, Débora. De volta para casa: educação somática e de dependência química. In: Revista Motriz, Rio Claro. v.12, n.3, p. 239-247, set./dez. 2006.

FELDENKRAIS, Moshe. Consciência pelo movimento. São Paulo: Summus, 1997.

FORTIN, Sylvie. Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança. In: Cadernos do GIPE-CIT - Estudos do Corpo. n.2, Salvador: UFBA, fev. 1999.

_____. Percebendo diferenças no ensino e na aprendizagem de Técnicas de dança contemporânea. In: Movimento. V.11, n.2, p. 9-29. Porto Alegre, 2005.

GELB, Michael. O Aprendizado do Corpo: introdução à técnica de Alexander. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LABAN, Rudolf Von. O Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf Von. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990.

MILLER, Jussara. Qual é o Corpo que dança?: dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus Editorial, 2012. 173 p.

STRAZZACAPPA, Márcia. Educação Somática e Artes Cênicas: princípios e aplicações. Campinas, Sp: Papirus, 2012. 176 p.

VIANNA, Klauss. A Dança. São Paulo: Summus, 2005. 154 p.

APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO SOMÁTICA E DANÇA - 30h

ART612

EMENTA:

Aprofundamento ao pensamento somático desenvolvido a partir de reflexões históricas das representações de conceitos e nomenclaturas sob uma perspectiva

teórico-prática do movimento somático, com ênfase nas técnicas de educação somática e nas suas aplicações metodológicas nos processos de ensino-aprendizagem da dança, bem como no preparo corporal do dançarino e no processo criativo em dança. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "Aplicação Orientada de Aprofundamento em Educação Somática e Dança".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

UNIDADE I: O Movimento Somático e as Práticas Somáticas

- Compreensão do Contexto histórico das práticas Somáticas;
- O Movimento Somático e as intervenções sociais em saúde, educação e nas artes.

UNIDADE II: Práticas Somáticas em Expansão e Delimitação Territorial

- Princípios e Fundamentos Laban/Bartenieff;
- Método Feldenkrais;
- Prática Angel Vianna;
- Antiginástica;
- Body-Mind Centering.

UNIDADE III: Somática enquanto intervenção política do/no movimento e Temas Transversais

- Marcas Registradas de Movimento;
- Educação Somática ou Práticas Somáticas?
- Movimento enquanto exercício ou exercitar o movimento?
- Consagração de movimentos e profanação dos saberes;
- Produção de Subjetividade a partir do campo somático.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. O corpo tem suas razões: Antiginástica e consciência de si. Trad.: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: ed.: Martins Fontes, 1977.

BOLSANELLO, Débora. De volta para casa: educação somática e de dependência química. In: Revista Motriz, Rio Claro. v.12, n.3, p. 239-247, set./dez. 2006.

FELDENKRAIS, Moshe. Consciência pelo movimento. São Paulo: Summus, 1997

FORTIN, Sylvie. Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança. In: Cadernos do GIPE-CIT - Estudos do Corpo. n.2, Salvador: UFBA, fev. 1999.

_____. Percebendo diferenças no ensino e na aprendizagem de Técnicas de dança contemporânea. In: Movimento. V.11, n.2, p. 9-29. Porto Alegre, 2005.

GELB, Michael. O Aprendizado do Corpo: introdução à técnica de Alexander. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LABAN, Rudolf Von. O Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf Von. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990

MILLER, Jussara. Qual é o Corpo que dança?: dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus Editorial, 2012. 173 p.

STRAZZACAPPA, Márcia. Educação Somática e Artes Cênicas: princípios e aplicações. Campinas, Sp: Papirus, 2012. 176 p.

VIANNA, Klauss. A Dança. São Paulo: Summus, 2005. 154 p.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO SOMÁTICA E DANÇA - 60h

ART613

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Aprofundamento em Educação Somática e Dança". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Experimentos de aprofundamento ao pensamento somático desenvolvido a partir de reflexões históricas das representações de conceitos e nomenclaturas sob uma perspectiva prática do movimento somático.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

UNIDADE I: O Movimento Somático e as Práticas Somáticas

- Compreensão do Contexto histórico das práticas Somáticas;
- O Movimento Somático e as intervenções sociais em saúde, educação e nas artes.

UNIDADE II: Práticas Somáticas em Expansão e Delimitação Territorial

- Princípios e Fundamentos Laban/Bartenieff;
- Método Feldenkrais;
- Prática Angel Vianna;
- Antiginástica;
- Body-Mind Centering.

UNIDADE III: Somática enquanto intervenção política do/no movimento e Temas Transversais

- Marcas Registradas de Movimento;
- Educação Somática ou Práticas Somáticas?
- Movimento enquanto exercício ou exercitar o movimento?
- Consagração de movimentos e profanação dos saberes;
- Produção de Subjetividade a partir do campo somático.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. O corpo tem suas razões: Antiginástica e consciência de si. Trad.: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: ed.: Martins Fontes, 1977.

BOLSANELLO, Débora. De volta para casa: educação somática e de dependência química. In: Revista Motriz, Rio Claro. v.12, n.3, p. 239-247, set./dez. 2006.

FELDENKRAIS, Moshe. Consciência pelo movimento. São Paulo: Summus, 1997

FORTIN, Sylvie. Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança. In: Cadernos do GIPE-CIT - Estudos do Corpo. n.2, Salvador: UFBA, fev. 1999.

_____. Percebendo diferenças no ensino e na aprendizagem de Técnicas de dança contemporânea. In: Movimento. V.11, n.2, p. 9-29. Porto Alegre, 2005.

GELB, Michael. O Aprendizado do Corpo: introdução à técnica de Alexander. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LABAN, Rudolf Von. O Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf Von. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990

MILLER, Jussara. Qual é o Corpo que dança?: dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus Editorial, 2012. 173 p.

STRAZZACAPPA, Márcia. Educação Somática e Artes Cênicas: princípios e aplicações. Campinas, Sp: Papirus, 2012. 176 p.

VIANNA, Klauss. A Dança. São Paulo: Summus, 2005. 154 p.

C – NÚCLEO PROFISSIONALIZANTE FORMAÇÃO GERAL OBRIGATÓRIA EM EDUCAÇÃO (FACED):

SABERES ARTÍSTICOS ESCOLARES COM PRÁTICA DE SABERES ARTÍSTICOS ESCOLARES – 90h

EDU378

Ementa: Introdução às questões relacionadas aos processos de transposição dos saberes do universo da Arte para a Escola. O arte-educador e a mediação entre arte, cultura e educação.

Conteúdo

- A Educação: contextos, tendências e perspectivas.
- Arte como área de conhecimento. Diferentes modos de conhecer arte: os saberes cotidianos, os saberes acadêmicos e os saberes escolares.
- A Escola e o ensino de arte: a sala de aula, as linguagens artísticas e o aprendiz da arte. Verificação in loco dessas aproximações.
- O arte-educador: professor pesquisador e mediador entre arte, cultura e público.
- Arte como ação extensionista.

Bibliografia básica:

BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/Educação Contemporânea. São Paulo: Cortez, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. São Paulo: Senac, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GONÇALVES, Maria Gorete Dadalto. REBOUÇAS, Moema Martins (orgs.). Educação em arte na contemporaneidade -Vitória: EDUFES, 2015. Disponível: <http://www.edufes.ufes.br/items/show/347>, acesso 02fev2018.

HERNANDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LAGROU, Els. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas, Revista Proa, nº02, vol.01,2010.<http://www.ifch.unicamp.br/proa>

Disponível: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/pdfs/elslagrou.pdf>, acesso 02fev2018.

MARTINS, Miriam Celeste. PICOSQUE, Gisa. Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Intermeios, 2012.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do Desenho. A Educação do Educador. São Paulo: Loyola. 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRINDADE, Azoilda Loretto (Org.). Africanidades brasileiras e educação [livro eletrônico]: Salto para o Futuro / Rio de Janeiro: ACERP; Brasília : TV Escola, 2013. Disponível:

<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/1426109893818.pdf>, acesso 02fev2018.

Bibliografia complementar:

COSTA, Luiz Cláudio. A gravidade da imagem: arte e memória na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2014.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Por que arte-educação? – Campinas: Papyrus, 2014.

FERRAZ, Maria Heloisa. FUSARI, Maria F de Rezende. Arte na educação Escolar. São Paulo: Cortez, 2009.

HELGUERA, Pablo. HOFF, Mônica (Org.). Pedagogia no campo expandido. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

PERRENOUD, Philippe. (org) As Competências para Ensinar no Século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAUSCH, Rita Buzzi. Professor-pesquisador: concepções e práticas de mestres que atuam na educação básica. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 12, n. 37, p. 701-717, set./dez. 2012 Disponível:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4693> Acesso 14/09/2022

SILVA, Armando. Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes. RJ: Editora Vozes, 2012.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da

temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA BÁSICA I COM PRÁTICA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS I – 90h

EDU376

Ementa

O ensino e a aprendizagem da arte na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Verificação in loco do ensino e aprendizagem da arte no cotidiano escolar da Ed. Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Conteúdo

- As linguagens da arte e das culturas como forma de expressão e área de conhecimento. A função do professor enquanto mediador da arte e da cultura.
- O cotidiano escolar na Educação Infantil e Ensino Fundamental: observação in loco na escola, análise de situações escolares relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem da arte.
- A construção de um currículo escolar em artes visuais.

Bibliografia Básica

- FERRAZ, Maria Heloisa. REZENDE E FUSARI, Maria F. Arte na educação escolar. São Paulo, Cortez, 2009.
- IABELBERG, Rosa. O Desenho cultivado da criança: prática e formação de professores. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- MARTINS, Mirian Celeste e outros. Teoria e Prática do Ensino de Arte. São Paulo: FTD, 2010.
- PILLAR, Analice Dutra. A Educação do Olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. Imagens que falam. Leituras da Arte na escola. Porto Alegre: Mediação. 2006.

Bibliografia Complementar

- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Por que arte-educação? – Campinas: Papirus, 2014.
- BUORO, Anamélia Bueno. O olhar em construção. Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte da escola. São Paulo: Cortez, 2002.
- EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre prática da educação? In: Currículo sem Fronteiras, v. 8, n.2, pp. 5-17, Jul/Dez 2008.
- FUSARI, Maria F. de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. Barbosa, Ana Mae & Amaral, Lilian. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, jan. /fev. /mar. /abr. 2002, n. 19, p. 20-28.

MASSCHLEIN, Jan. SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA BÁSICA II COM PRÁTICA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS II – 90h

EDU377

Ementa

O ensino e a aprendizagem da arte nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Relações entre arte, experiência estética e atividade pedagógica. A legislação educacional e o ensino de Arte. Verificação in loco do ensino e aprendizagem da arte no cotidiano escolar no Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Conteúdo

- A função do professor enquanto mediador da arte e da cultura.
- O cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e nos Anos Finais do Ensino Fundamental: análise de situações escolares relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem da arte.
- A construção de um currículo escolar em artes visuais.
- O ensino de arte e as diversidades: inclusão escolar, cultura indígena e afro-brasileira.
- Arte como ação extensionista.

Bibliografia Básica

ARSLAN, Luciana Mourão. IAVELBERG, Rosa. Ensino de Arte. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação contemporânea. São Paulo: Cortês, 2006.

BRASIL, MEC, Base Nacional Comum Curricular – BNCC, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 15 out. 2020.

CARVALHO, Francione O. EGAS, Olga M. B (Orgs). Experiências de dentro e de fora: o que a universidade pode aprender com a escola? Rio de Janeiro: Batuque; Juiz de Fora, MG : Mirada, 2021. Disponível: <http://grupomirada.com/livro/>

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MARTINS, Miriam Celeste. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do Ensino de Arte. A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros?. Revista GEARTE, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 2, jul. 2019. ISSN 2357-9854. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/94288>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

Bibliografia Complementar

BALISCEI, João Paulo. Provoque: Cultura visual, masculinidades e ensino de artes visuais. Rio de Janeiro: Metanóia, 2020. P. 91.

BRASIL, SEPPIR. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, MEC/SEPPIR, 2004.

BRASIL. Lei Federal nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 18 set. 2017.

CARVALHO, Francione Oliveira. PENNA, Ana Beatriz Marques. SANT'ANA, Vitor Fernando de Barros. Lugar de Memória e Arte: Rastros de uma escola. Revista Apotheke, v. 6, n. 2, p. 208-224, agosto 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18282/>>. Acesso em: 06 de abril 2021.

EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre prática da educação? In: Currículo sem Fronteiras, v. 8, n.2, pp. 5-17, Jul/Dez 2008.

FUSARI, Maria F. de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. Barbosa, Ana Mae & Amaral, Lilian. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, jan. /fev. /mar. /abr. 2002, n. 19, p. 20-28.

MASSCHLEIN, Jan. SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ESTADO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO - 60h

EDU034

Ementa

Conceitos fundamentais sobre Estado Moderno e Nação. Estado e Sociedade Civil. Estado e laicidade. Políticas Sociais e Políticas Educacionais. Liberalismo e neoliberalismo. A nova ordem mundial. A política Educacional e o debate contemporâneo: o contexto sócio-político e econômico – final de século XX e início do séc. XXI. Política educacional: demanda social x demanda de mercado. Políticas educacionais atuais-discussão e análise.

Conteúdo

Racionalização e gestão da sociedade (Estado Moderno, Nação e Laicidade); perspectiva sócio-histórica;
Conceitos sócio-históricos de globalização e de educação;
Política educacional: demanda social X demanda de mercado;
Debate contemporâneo das políticas educacionais.

Bibliografia básica:

ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, p. 168-185.
BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Estado, Estado-Nação e formas de intermediação política. In: Lua Nova, São Paulo, 100. 2017, p. 155-185.
BROOKE, Nigel (org.). Marcos Históricos na Reforma da Educação. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012. P. 201-209; 231-260.
CHARLOT, Bernard. Educação e Globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate. Disponível em: https://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/32501/mod_glossary/.../Bernad_r_charlot.pdf
D'AVILA-LEVY, Claudia Masini. CUNHA, Luiz Antônio (Orgs.) Embates em torno do Estado Laico. São Paulo: SBPC, 2018.
HÖFLING, Eloisa de Mattos Estado e políticas (públicas) sociais. In: Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001, p.30-41. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5539>.
LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de, TOSCHI, Mirza Seabra (orgs). Educação Escolar: políticas, Estrutura e Organização. 10ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Cortez, 2010. p.87-140; 143-171.
KRITSCH, Raquel. Estado e sociedade civil na teoria política: alguns paradigmas, muitas trajetórias. In: Revista Política e Sociedade. Florianópolis. Vo. 13- n. 28. Set/dez de 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2014v13n28p225>

WAIZBORT, Leopoldo Formação, especialização, diplomação: da universidade à instituição de ensino superior. In: Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 27, n.2. p. 45-74, 2015

MALASKA, Marcos Augusto. Max Weber e o Estado racional moderno. In; Revista Eletrônica do CEJUR v. 1, n. 1 (2006), p.15-28.Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cejur/article/view/14830/9954>

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. 6ª Edição. Rio de Janeiro- São Paulo: Editora Record, 2001. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf

TONET, Ivo. Do conceito de sociedade civil, 2014.Disponível em: ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/do_conceito_de_sociedade_civil.pdf

METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTES - 60h

EDU139

Ementa

Metodologias de ensino e aprendizagem em arte. Relações entre arte, experiência estética e atividade pedagógica.

Conteúdo

- Metodologias de ensino e aprendizagem em arte: discussões teórico práticas sobre metodologias.
- A história do ensino de arte no Brasil e as concepções de ensino e aprendizagem: ressonâncias no ensino e aprendizagem da arte, currículos e práticas do ensino.
- Arte como experiência; saber arte e saber ser professor de arte; aula de arte como espaço de encontro e construção de significados;

Bibliografia básica:

BARBOSA, Ana Mae. CUNHA, Fernanda Pereira da. Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação nº 19, Rio de Janeiro: ANPED, 2002, pp. 20-28.

FERRAZ, Maria Heloisa. FUSARI, Maria F De Rezende. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, Mirian Celeste et al. Teoria e Prática do Ensino de Arte: A língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: EDUFMS, 2009.

OSINSKI, Dulce R. Arte, história e ensino: uma trajetória. São Paulo: Cortez, 2001.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Bibliografia complementar:

BARBOSA, Ana Mae. Arte educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (org) Ensino da arte: memória e história. São Paulo, Perspectiva, 2ª reimpressão, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o ensino de arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001.

DEWEY, J. Arte como Experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PARSONS, Michael J. Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PIMENTEL, Lucia G., Limites em expansão: licenciatura em artes visuais. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

RIZZI, Maria Christina. Caminhos Metodológicos. In: Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. BARBOSA, Ana Mae(Org.). São Paulo: Cortez, 2012. p.63-70.

POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO COM PRÁTICA EDUCATIVA- 90h EDU366

Ementa

Análise da produção, implantação e consolidação das políticas públicas em educação na sociedade brasileira. Abordagem das políticas públicas frente à realidade da educação brasileira e suas implicações para a educação.

I) Introdução (plano de ensino e primeiras conversas)

II) Apresentação – poesia e/ou música

III) Textos: João Ubaldo, Chico de Oliveira

IV) Estado: Laura Soares Tavares e Ricardo Antunes

V) Hora de brincar: músicas infantis e brincadeiras

VI) Políticas públicas:

- Vicente Faleiros cap. 1,2,3

- Maria Lúcia Viana

- Eloisa Hofling

- Celina Souza

- Elenaldo Texeira

VII) Práticas com massa de modelar: pesquisar, produzir e usar

VIII) Fernandes: o significado do protesto negro

IX) Educação:

- A educação como direito na CF, na LDB e no PNE, BNCC

- A organização da educação brasileira (LDB): Sistemas de ensino, etapas e modalidades

X) Paulo Freire: pedagogia da indignação

XI) Temas Pertinentes:

- Educação do campo

- Educação Quilombola

- Educação ribeirinho

- Educação indígena

- O negócio da comida

Bibliografia:

AZEVEDO, J. M. L. A educação como política pública. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Educação e política no Brasil de hoje. SP: Cortez, 1999.

RODRIGUES, Rubens Luiz (org.) Educação escolar no século XXI. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013.

PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM - 60h

PEO039

Ementa

A Psicologia científica. Aproximações da Psicologia com a Educação. Contribuições das teorias de Piaget e Vigotski. Relações Psicanálise-Educação. Adolescência e cultura.

Conteúdo

A Psicologia científica.

Relações da Psicologia com a Educação

Contribuições da Teoria de Jean Piaget à Educação.

Implicações da teoria de Piaget na Educação

Contribuições da teoria de Vigotski à Educação.

Implicações da teoria de Vigotski na Educação

Relações Psicanálise-Educação

Adolescência e cultura

Bibliografia básica:

BECKER, Fernando. Aprendizagem: reprodução, destino ou construção? In: Piaget no século XXI, p. 209-229.

FREITAS, M.T.A. Vigotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação um intertexto. São Paulo: Editora Ática, 1994.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: Obras Completas. Vol. XII. Rio de Janeiro. Imago.

PALANGANA, Isilda C. Desenvolvimento e aprendizagem em Vigotski e Piaget: a relevância do social. São Paulo: Sumus Editorial.

PIAGET, Jean. A tomada de consciência. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1974.

VIGOTSKI, L.S. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L.S. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. In: PSICOLOGIA USP, São Paulo, 2010, 21 (4), 681-701.

Vídeos:

VYGOTSKY - Profª Marta Khol (Vygotsky - Coleção Grandes Educadores) disponível no youtube.

PIAGET – Profº Yves de LaTaille (Piaget - Coleção Grandes Educadores) disponível no youtube.

FREUD. – Profº Leandro de Lajonquière (Freud – Coleção Grandes Educadores) disponível no youtube.

Bibliografia complementar:

BECKER, F.; MARQUES, T.B.I. (Orgs.) Ser professor é ser pesquisador. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 11-20.

CARVALHO, A; SALLES, F. GUIMARÃES, M. (orgs.). Adolescência. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, Proex.

PIAGET, Jean. Estudos Sociológicos. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1973.

VIGOTSKI, L.S. Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOLTOLINI, R. A Psicanálise implica a educação. In: Psicanálise implicada. Curitiba: Juruá, 2016.

LIBRAS E EDUCAÇÃO PARA SURDOS - 60h

LEM184

Ementa:

Desenvolvimento, em nível básico, das habilidades de compreensão e expressão necessárias à comunicação com surdos sinalizantes da Língua de Sinais Brasileira (Libras). Introdução ao estudo das visões sobre a surdez e sobre a Educação de Surdos. Conhecimentos básicos sobre os fundamentos linguísticos da Libras. Estudo de aspectos culturais dos surdos brasileiros e suas implicações educacionais. Estudo das políticas linguísticas e educacionais na área da Surdez.

Conteúdo:

1- Fundamentos da educação de surdos:

1.1- História da educação de surdos e filosofias educacionais: oralismo, comunicação total e bilinguismo.

1.2- A legislação brasileira e os documentos (nacionais e internacionais) relacionados à educação de surdos.

1.3- Visões da Surdez: visão clínico-terapêutica versus visão socioantropológica.

1.4- Conceitos básicos: linguagem, língua, surdez, pessoa surda, pessoa com deficiência auditiva (D.A.), dentre outros.

1.5- Perspectivas atuais da educação bilíngue de surdos.

1.6- Aspectos culturais e identidade(s) da Comunidade Surda.

2- Fundamentos linguísticos da Libras:

2.1- Diferenças e semelhanças entre as línguas orais e as de sinais.

2.2- O Plano Fonológico da Libras: os cinco parâmetros (CM, L, M, Or, ENM).

2.3- Morfossintaxe da Libras.

2.4- Aspectos semânticos e pragmáticos da Libras.

2.5- Corporeidade: consciência corporal e expressões físicas e sua importância na interação em Libras.

2.6- Classificadores em Língua de Sinais.

2.7- Vocabulário Básico da Libras/ interação em Libras.

Bibliografia básica:

GESSER, A. Libras? Que Língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.
RODRIGUES, C. H.; SILVÉRIO, C. C. P. Pensando a Educação Bilíngue de/com/para Surdos. In: RODRIGUES, C. H.; GONÇALVES, R. M. (Orgs.). Educação e Diversidade: Questões e Diálogos. Editora UFJF. Juiz de Fora. 2013.
SKLIAR, C. (Org). Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

Bibliografia complementar:

BRITO, L. F. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 273 p.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D; MAURICIO, A. L. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: EDUSP, 2013. v.1, v.2.
KARNOPP, L. B.; QUADROS, R. M. de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
SOUZA, R. M. Que palavra que te falta? linguística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Editora: UFSC, Florianópolis. 2008.

QUESTÕES FILOSÓFICAS APLICADAS À EDUCAÇÃO - 60h

EDU054

Ementa

As relações entre Filosofia, Ciência, Retórica, Poética e Educação. Questões filosóficas relacionadas às diferentes áreas das licenciaturas. Perspectivas pedagógicas e suas fundamentações filosóficas. Questões atuais da sociedade e suas interfaces com a educação – uma abordagem filosófica.

Conteúdo

Homem, Cultura, Educação e Filosofia

O homem e sua cultura.

A educação como componente essencial da cultura.

A transformação do conhecimento humano na História.

As características da reflexão filosófica.

As relações entre Filosofia, Ciência, Retórica, Poética e Educação.

Perspectivas pedagógicas e suas fundamentações filosóficas.

Questões filosóficas e suas interfaces com a Educação.

A questão gnosiológica e epistemológica.

A questão da linguagem.

A questão ético-política.

A questão estética.

Bibliografia básica:

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRANDÃO, Carlos Henrique. O que é Educação? São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos)

CAMBI, F. História da Pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999.

CHAUI, Marilena de Souza. Convite à Filosofia. 15ª edição. São Paulo: Ática, 2010.

DELEUZE, G. e GUATARI, F. O que é a Filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007 (35ª edição).

GADOTTI, Moacir. Pensamento Pedagógico Brasileiro. São Paulo: Ática, 2006.

JAEGER, W. Paideia – a formação do homem grego. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010

MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. Textos básicos de Ética. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.

_____. Textos básicos de Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 12ª edição. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2007

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de (org.). Filosofia e Educação – aproximações e convergências. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

PERISÉE, Gabriel. Introdução à Filosofia da Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Ética. Tradução de João Dell' Anna. 25ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 10ª edição. São Paulo: Cortez Editora; Autores Associados, 1991.

VERNANT, J. P. Mito e pensamento entre os gregos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. (Várias edições).

Coleção Pensadores & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 e ss.

Bibliografia complementar

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. Tradução Wolfgang Leo Maar. www.educacaoonline.pro.br

DEWEY, John. Democracia e educação: introdução à filosofia da educação. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. Edição. São Paulo: Nacional, 1959b.

DEWEY, John. Democracy and education: an introduction to the philosophy of education. New York: The Free Press, 1997.

DEWEY, John. Experiência e Educação. Tradução Renata Gaspar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. Oposições filosóficas: a epistemologia e suas polêmicas. Florianópolis: UFSC, 2005.

KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Tradução Francisco Cock Fontanella. 2. Edição. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LYOTARD, Jean-François. Por que filosofar? Tradução Marcos Marcionilo. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013.

MÉZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2008.

PORTO, Leonardo Sartori Porto Filosofia da Educação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TEIXEIRA, Anísio. Filosofia e Educação. In: Revista "Educação e Ciência Sociais", Vol. 6, N. 12, 1960.

WHITEHEAD, Alfred North. Os fins da Educação e outros ensaios. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR I – ENSINO DE ARTES VISUAIS

- 60h

EDU367

Ementa:

Articulação dos conhecimentos teórico-práticos sobre arte e o seu ensino, adquiridos ao longo da graduação. Formação crítica do educador a partir do exercício da docência em artes visuais.

Conteúdo:

- Análise das situações observadas no cotidiano do ensino de Arte na Educação Básica: discussão das situações vivenciadas durante o estágio; articulação entre teoria e prática; a docência em arte; planejamento de curso/aulas; realização de estudos.
- Supervisão do estágio de observação e participação; registros e documentação; planejamento de atividades a serem executadas na escola; atividades de docência; elaboração do relatório de experiência; avaliação do estágio.

Bibliografia básica:

ARNHEIN, Rudolf. Arte & Percepção Visual: Uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre prática da educação? In: Currículo sem Fronteiras, v. 8, n. 2, pp. 5-17, Jul/Dez 2008. ISSN 1645-1384.

FUSARI, Maria F. de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, jan. /fev. /mar. /abr. n. 19, p. 20-28, 2002. ISSN 1413-2478

NUNES, Luciana Borre. CONSENTINO, Marianne Tezza (Orgs). Conversas de estágio : artes visuais, dança, teatro [recurso eletrônico]. Recife : Ed. das Organizadoras, 2015.

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR II – ENSINO DE ARTES VISUAIS - 60h

EDU368

Ementa:

Articulação dos conhecimentos teórico-práticos sobre arte e o seu ensino adquiridos ao longo da graduação. Formação crítica do educador a partir do exercício da docência em artes visuais direcionado ao EM e a EJA.

Conteúdo:

- Análise das situações observadas no cotidiano do ensino de Arte no Ensino Médio e na EJA: discussão das situações vivenciadas durante o estágio; articulação entre teoria e prática; a docência em arte; planejamento de curso/aulas; realização de estudos.
- Supervisão do estágio de observação e participação; registros e documentação; planejamento de atividades a serem executadas na escola; atividades de docência; elaboração do relatório de experiência; avaliação do estágio na Educação Básica e/ou Instituições Culturais e Espaços Educativos não formais.

Bibliografia básica:

NÓVOA, António. Devolver a formação de professores aos professores. Cadernos de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES, Vitória, ES. a. 9. v.18, n. 35, p. 11-22, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://teste.periodicos.ufes.br/educacao/article/download/4927/3772>. Acesso em: 7 fev. 2020.

OLIVEIRA, Marilda O. de; LAMPERT, Jocielle. Artes Visuais e o Campo de Estágio Curricular. Revista Nupeart, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Centro de Artes (CEART), 79:93, v. 8, 2010. Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3072>. Acesso em: 7 fev. 2020.

PEREIRA, Marcos V. Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Colaboração de: DAUANNY, Erika Barroso; COSTA, Elisângela André da Silva. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2018.

ROLDÁN, Joaquín; VIADEL, Ricardo M. Metodologías Artísticas de Investigación em Educación. Málaga, Espanha: Ediciones Aljibe, 2012.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS I- 140h

EDU369

Ementa:

Verificação in loco e atividades de docência em Arte nas Escolas de Educação Infantil e Educação Fundamental.

Conteúdo:

- Observação do campo de atuação docente e da realidade escolar.
- Elaboração de documentação e registros; planejamento de atividades; execução das atividades de docência.
- O Estágio Supervisionado no Ensino de Artes Visuais compreende etapas de observação, participação e atividades de docência totalizando 140h, realizadas em escolas públicas e /ou particulares de Educação Básica em Juiz de Fora e região, preferencialmente, na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Bibliografia básica:

BAUMGARTEN, Laylla Z.; OLIVEIRA, Ronaldo A.; ALVES, Carla Juliana G. A formação do professor de artes visuais na perspectiva do estágio supervisionado. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS TRANSVERSALIDADES NAS ARTES VISUAIS. 18. Set. 2009. Salvador. Anais.... Salvador, Bahia: ANPAP. 2009. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/laylla_zanin_baumgarten.pdf. Acesso em: 7 fev. 2020.

GATTI, Bernardeti. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2020.

GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela S. de.; ALMEIDA, Whasgthon A. de. Estágio com Pesquisa. São Paulo: Cortez, 2015.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: DIAS, Belidson. IRWIN, Rita L. (Org.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

OLIVEIRA, Marilda O. de. Três notas sobre a formação inicial em artes visuais: a perspectiva da cultura visual, o endereçamento e os diários de aula. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 14, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18773>. Acesso em: 7 fev. 2020.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS II- 140h

EDU370

Ementa:

Verificação in loco e atividades de docência em Arte nas Escolas de Ensino Médio e EJA.

Conteúdo:

Observação do campo de atuação docente e da realidade escolar.

- Elaboração de documentação e registros; planejamento de atividades; execução das atividades de docência.
- O Estágio Supervisionado no Ensino de Artes Visuais compreende etapas de observação, participação e atividades de docência totalizando 140 hs, realizadas em escolas públicas e /ou particulares, preferencialmente, no Ensino Médio e EJA ou ainda em Instituições Culturais e Espaços Educativos não formais.

Bibliografia básica:

- BRITTO, Ariana Martins de; WALTENBERG, Fábio D. É atrativo tornar-se professor do Ensino Médio no Brasil?: Evidências com base em decomposições paramétricas e não paramétricas. *Estud. Econ.*, São Paulo, v. 44, n.1, p. 5-44, mar. 2014.
- COSENZA, Angélica; AMORIM, Cassiano C.; MELO, Maria Carmen S. de. Caminhos e desafios na construção de projeto pedagógico institucional de cursos de licenciaturas: a experiência da UFJF. *Formação em Movimento*, v.1, n. 2, p. 239-257, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/issue/download/108/DJ>. Acesso em: 8 fev. 2020.
- GATTI, Bernardeti. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2020.
- GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela S. de.; ALMEIDA, Whasgthon A. de. *Estágio com Pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2015.
- IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: DIAS, Belidson. IRWIN, Rita L. (Org.). *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.
- NUNES, Luciana Borre. CONSENTINO, Marianne Tezza (Orgs). *Conversas de estágio: artes visuais, dança, teatro [recurso eletrônico]*. Recife : Ed. das Organizadoras, 2015.
- NÓVOA, António. Devolver a formação de professores aos professores. *Cadernos de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES*, Vitória, ES. a. 9. v.18, n. 35, p. 11-22, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://teste.periodicos.ufes.br/educacao/article/download/4927/3772>. Acesso em: 7 fev. 2020.

ARTE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA - 60h

EDU319

Ementa:

A disciplina propõe discutir o conceito de cultura afro-brasileira e sua relação tanto com a ancestralidade e os valores civilizatórios de matriz africana a partir do conceito de corporeidade, como também quanto às questões étnico-raciais brasileiras. Objetiva ainda valorizar e problematizar a presença negra no Brasil a partir de suas riquezas culturais, artísticas e

filosóficas, dando destaque para as produções contemporâneas de diversas áreas, com destaque para as artes visuais e as artes cênicas. Pretende contribuir para a consolidação da Lei 10.639/03 que determina a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" ao mesmo tempo em que acessar e gerar a produção de novos conhecimentos sobre a temática investigada.

Conteúdo:

Valores civilizatórios africanos: De que África falamos?
Tráfico negreiro e a constituição de uma cultura da diáspora;
Elementos para se pensar uma cultura afro-brasileira;
Corporeidades e religiosidades negras: música, dança e teatro
Representações da identidade negra nas artes produzidos no Brasil;
Construções sobre o conceito de arte afrodescendente;
Visualidades contemporâneas e negritude
Arte e Cultura negra na escola: abordagens pedagógicas

Metodologia:

Leituras e discussões de textos, imagens e obras cinematográficas; experiências corporais; trabalhos práticos e teóricos, individuais e/ou coletivos; saídas para estudos de campo; rodas de conversas e análises de produções artísticas produzidas tanto no cenário nacional como dos matriculados na disciplina.

Avaliação:

A avaliação de todo o processo será processual, contínua e cumulativa, considerando-se os seguintes aspectos: assiduidade e pontualidade; participação nas discussões, experiências e atividades; cumprimento das leituras e trabalhos propostos; abertura para o trabalho colaborativo.

Bibliografia

- AGUILAR, Nelson (Org.). Mostra do Redescobrimto: arte afro-brasileira. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.
- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- AMARAL, Rita. Xirê! O modo de crer e de viver no candomblé. RJ: Pallas; SP: EDUC, 2002.
- ANJOS, Moacir dos. Local/global: arte em trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- ALEXANDRE, Marco Antonio. O Teatro Negro em Perspectiva: Dramaturgia e Cena Negra no Brasil e em Cuba. RJ: Editora Malê, 2017.
- ARAÚJO, Emanuel. A mão afro-brasileira: significado da construção artística e histórica. São Paulo: Tenege, 2010.
- ARAÚJO, Emanuel (Org.) Textos de negros e sobre negros. São Paulo: Imprensa Oficial/ Museu Afro Brasil, 2011.

Museu Afro Brasil: um conceito em perspectiva. SP: Instituto Florestan Fernandes/ Museu Afro Brasil, 2006.

D'SALETE, Marcelo. Cumbe. SP: Editora Veneta, 2014.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Francione O. O conceito de interculturalidade e a mediação cultural na escola. In MARTIS, Mirian C. (Org.). Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos. São Paulo: Terracota, 2014.

CARVALHO, Francione Oliveira. TEODORO, Thalita de Cassia Reis. Apartado – sala 23: memórias, afetos e corporeidade negra na formação de professores. Revista Cocar, n. 04, 2017. <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/1549>

CHIARELLI, Tadeu. SILVA, Claudinei Roberto da. LOPES, Fabiana. Catálogo Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2016.

CONDURU, Roberto. Arte Afro-Brasileira. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

CONDURU, Roberto. Pérolas Negras Primeiros Fios: Experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FELINTO, Renata. Abdias Nascimento e sua pintura da escola do inominável. São Paulo: Ocupação Abdias do Nascimento/Itaú Cultural, 2016.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In SOUZA, Florentina. LIMA, Maria Nazaré Lima. Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível: http://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana-cm/contador/sumar_pdf.php?id_libro=257

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. SP: Abril Educação, 2013.

LIMA, Dulcilei C. Desvendando Luiza Mahin: um mito libertário no cerne do Feminismo Negro. RJ: Editora Multifoco, 2014.

LODY, Raul. Cabelos de axé: identidade e resistência. Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2004.

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da Diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2004.

Bantos, malês e identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARCONDES, Mariana Mazzini et al. (Org.). Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. Disponível:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978

MONTEIRO, Adriano Domingos. A Emergência de um (Novo) Cinema Negro Brasileiro: Representação, Identidades e Negritudes. Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo, 2016. Disponível em: portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0554-1.pdf

MUNAGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNAGA, Kabengele. GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos. São Paulo: Global/Ação Educativa. , 2006.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Revista ESTUDOS AVANÇADOS 18, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. Causos do imaginário e da memória negra: contribuições para uma antropologia educacional. Revista Educação em Foco, v. 21, n. 3, 2016. Disponível em: <https://educacaoemfoco.ufjf.emnuvens.com.br/edufoco/article/view/3196>

PAULINO, Rosana. Arte e cultura afrodescendente na contemporaneidade. In SANTIAGO, Rosemary Ap. UTUARI, Solange (Orgs.). Educação, arte e cidadania: educação para a diversidade na contemporaneidade. São Paulo: Terracota, 2013.

PRANDI, Reginaldo. Segredos guardados: orixás na alma brasileira. SP: Companhia das Letras, 2005.

O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. In Revista Estudos Avançados 52: Dossiê Religiões no Brasil, 2004.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

ROMÃO, Jeruse (org.). História das Educação do Negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SABINO, Jorge. LODY, Raul. Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento. RJ: Pallas, 2011.

SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). Racismo & Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil. SP: Humanitas/FFLCH-USP, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. PEDROSA, Adriano (Orgs.). Histórias mestiças: antologia de textos. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

Histórias mestiças: catálogo. Rio de Janeiro: Cobogó, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. 2. ed. São Paulo: Ática, 2010.

SILVA, Cidinha da. Sobreviventes! Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THOMPSON, Robert Farris. Flash of the spirit: arte e filosofia africana e afro-americana. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011.

VIDAL, Julia. O africano que existe em nós, brasileiros: moda e design afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Babilônia, 2015.

XAVIER, Giovana (Org.). Catálogo Intelectuais Negras Visíveis. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras UFRJ/ Editora Malê, 2017.

TEATRO E EDUCAÇÃO - 60h

EDU317

Ementa:

A disciplina pretende discutir e explorar na prática conceitos fundamentais para a aprendizagem teatral e seus desdobramentos pedagógicos, tais como o movimento, o corpo, o gesto, a comunicabilidade, os recursos cênicos, os jogos teatrais, o texto dramático e a improvisação com foco em processos de criação e compreensão da linguagem cênica.

Conteúdo:

- Elementos básicos do teatro (intérprete, público e texto);
- Contação de histórias e oralidade;
- Expressão vocal e corporal;
- Jogos dramáticos e improvisação teatral;
- O teatro na educação de crianças, jovens e adultos;
- Teatro negro brasileiro;
- Linguagens cênicas;
- Encenação teatral.

Metodologia:

Aulas práticas e oficinas teatrais baseadas nos elementos básicos do teatro, improvisações e jogos dramáticos em grupo. Contação de histórias e dramatização tanto individual quanto coletiva.

Avaliação:

A avaliação de todo o processo será processual, contínua e cumulativa, considerando-se os seguintes aspectos: assiduidade e pontualidade; participação nas discussões, experiências e atividades; cumprimento das leituras e trabalhos propostos; abertura para o trabalho colaborativo e participação na apresentação pública final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOAL, Augusto. Jogos para Atores e Não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2005.

STAAL, Ana Helena Camargo. O jogo teatral no livro do professor. São Paulo: Perspectiva, 1999.

JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino de teatro. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ALEXANDRE, Marco Antonio. O Teatro Negro em Perspectiva: Dramaturgia e Cena Negra no Brasil e em Cuba. RJ: Editora Malê, 2017.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos Teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1998.

Texto e Jogo. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MAGALDI, Sábato. Iniciação ao Teatro. São Paulo: Editora Ática, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Revista ESTUDOS AVANÇADOS 18, 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019

RUGNA, Betina. Teatro em sala de aula: guia prático para o professor. São Paulo: Alaúde Editorial, 2009.

ROUBINE, Jean-Jacques. A Linguagem da Encenação Teatral (1880-1980). Rio de Janeiro: Zahar